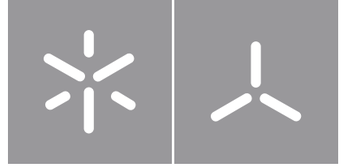
Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Joana da Rocha Baptista

Reabilitar e Coabitar porosamente.
A Povoação da Serra da Boa Viagem

junho de 2026

Reabilitar e Coabitar porosamente. A Povoação da Serra da Boa Viagem
Joana da Rocha Baptista
UMinho | 2026



Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Joana da Rocha Baptista

Reabilitar e Coabitar porosamente.
A Povoação da Serra da Boa Viagem

Trabalho de projeto
Mestrado Integrado em Arquitetura
Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Rute Alexandra Santos da Silva Carlos

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos. Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada. Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial

CC BY-NC

https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

À minha família por todo o amor e ajuda ao longo do meu percurso, sem os quais o presente não seria este.

A todos os meus amigos que se tornaram uma segunda família, e à escola que se transformou em casa.

Por fim, à minha orientadora Rute Carlos, por toda a disponibilidade, acompanhamento e orientação.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Reabilitar e Coabitar porosamente.

A Povoação da Serra da Boa Viagem

RESUMO

O presente trabalho de projeto analisa a povoação da Serra da Boa Viagem enquanto território de transição entre sistemas naturais, produtivos e urbanos, interpretando a sua formação a partir da relação entre topografia, paisagem e ocupação humana. Inserida entre o Oceano Atlântico, o estuário do Mondego e a estrutura florestal da serra, esta realidade territorial caracteriza-se por uma condição híbrida, onde habitação, circulação e produção evoluíram de forma interdependente.

A investigação desenvolve uma leitura morfológica e funcional da povoação, analisando a evolução de um sistema historicamente assente na articulação entre atividades agrícolas, florestais e estuarinas. As transformações socioeconómicas ocorridas a partir da segunda metade do século XX, nomeadamente o abandono progressivo das práticas agrícolas e a alteração dos modos de vida, conduziram ao enfraquecimento das relações entre habitação, rua e parcelas produtivas, comprometendo a continuidade espacial e social da povoação.

A rua principal, anteriormente associada à vida coletiva e às práticas quotidianas de produção, assume hoje predominantemente uma função de atravessamento e circulação. Em simultâneo, a presença de edifícios devolutos, parcelas abandonadas e espaços intermédios evidencia uma condição fragmentada, marcada pela perda de intensidade funcional e pela descontinuidade das formas de apropriação do território.

Partindo desta leitura, o projeto propõe uma estratégia de intervenção baseada na reutilização do existente e na reativação das relações entre habitação, espaço coletivo e paisagem produtiva. Através da adaptação de estruturas devolutas e da introdução de espaços de transição entre domínio público e privado, procura-se criar condições para novas formas de habitar, capazes de integrar usos coletivos, residenciais e produtivos.

Palavras-chave: Porosidade | Coabitação | Isolamento | Abandono

Rehabilitate and Coexist porously.

The Village of Serra da Boa Viagem

ABSTRACT

This project analyzes the village of Serra da Boa Viagem as a transitional territory between natural, productive, and urban systems, interpreting its formation from the relationship between topography, landscape, and human occupation. Located between the Atlantic Ocean, the Mondego estuary, and the forest structure of the mountain range, this territorial reality is characterized by a hybrid condition, where housing, circulation, and production have evolved interdependently.

The research develops a morphological and functional reading of the village, analyzing the evolution of a system historically based on the articulation between agricultural, forestry, and estuarine activities. The socioeconomic transformations that occurred from the second half of the 20th century onwards, namely the progressive abandonment of agricultural practices and the alteration of lifestyles, led to the weakening of the relationships between housing, street, and productive plots, compromising the spatial and social continuity of the village.

The main street, previously associated with collective life and daily production practices, now predominantly assumes a function of crossing and circulation. Simultaneously, the presence of derelict buildings, abandoned plots, and intermediate spaces reveals a fragmented condition, marked by the loss of functional intensity and the discontinuity of forms of appropriation of the territory.

Based on this reading, the project proposes an intervention strategy based on the reuse of existing structures and the reactivation of relationships between housing, collective space, and productive landscape. Through the adaptation of derelict structures and the introduction of transitional spaces between public and private domains, the aim is to create conditions for new ways of living, capable of integrating collective, residential, and productive uses.

The dissertation thus articulates territorial analysis and architectural proposal, interpreting the Serra da Boa Viagem not as a territory in decline, but as a structure in transformation, where the existing remains as an active support for contemporary forms of living.

Keywords: Porosity | Cohabitation | Isolation | Abandonment

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS III

RESUMO V

ABSTRACT VII

INTRODUÇÃO 1

A CONDIÇÃO FRAGMENTADA DO TERRITÓRIO 4
contemporâneo. 5
novas leituras do habitar: 7
do crescimento ao decrescimento 7
porosidade. 9

ANÁLISE GERAL: 12

SERRA DA BOA VIAGEM 12
um território de transição. 14
evolução histórica. 19
transformações socioeconómicas. 21

A RUA 28

DA SERRA DA BOA VIAGEM | 1º MAIO | PARQUE FLORESTAL 28
a rua e a estrutura da povoação. 29
entre proximidade e periferia. 38

UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA IDENTITÁRIA POR DESCOBRIR 40
reativar a continuidade. 41
ZONA I 43
ZONA II 53
ZONA III 63
ZONA IV 71

CONSIDERAÇÕES FINAIS 78
referências. 81
autoria de figuras. 83

ANEXOS 86
atividade agrícola. 87

ÍNDICE DE FIGURAS

F01 | CONTEMPORÂNEO 5
F02 | NOVAS LEITURAS 7
F03 | POROSIDADE 9
F04 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Mapa de localização 14
F05 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Características biofísicas 15
F06 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Fotografia da encosta 16
F07 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Fotografia da encosta 16
F08 | Planta de ocupação do solo 18
F09 | Planta de localização 22
F10 | Planta de equipamentos e infraestruturas 24
F11 | Registo fotográfico dos equipamentos e infraestruturas 25
F12 | Planta da condição atual 32
F13 | Fotomontagem alçado norte 34
F14 | Fotomontagem alçado sul 34
F15 | Planta do espaço público 36
F16 | Registo fotográfico do edificado abandonado 37
F17 | Conceito 42
F18 | GRUPO RECREATIVO SERRA DA BOA VIAGEM 43
F19 | PLANTA DO PREEXISTENTE | COTA 194 45
F20 | FOTOMONTAGEM 46
F21 | PLANTA DA PROPOSTA| COBERTURA 47
F22 | corte A - A' 47
F23 | PLANTA DA PROPOSTA | COTA 194 48
F24 | corte B - B' 48
F25 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COBERTURA 49
F26 | corte A - A' 49
F27 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COTA 194 50
F28 | corte B - B' 50
F29 | PORMENOR CONSTRUTIVO | ZONA I 51
F30 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO BANCADA E LAJE 51
F31 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO COBERTURA E PAREDE INTERIOR 52
F32 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO PRÉ-EXISTENTE E CONSTRUÇÃO NOVA 52
F33 | RUA PARQUE FLORESTAL, N°5 53
F34 | PLANTA DO PREEXISTENTE 55
F35 | FOTOMONTAGEM 56
F36 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 194 57
F37 | alçado este 57
F38 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 197.5 58
F39 | corte C - C' 58
F40 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COTA 194 59
F41 | alçado este 59
F42 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COTA 197.5 60
F43 | corte C - C' 60
F44 | PORMENOR CONSTRUTIVO | ZONA II 61
F45 | PORMENOR CONSTRUTIVO | COBERTURA 62
F46 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO PAREDE EXTERIOR E LAJE 62
F47 | PORMENOR CONSTRUTIVO | SAPATA 62
F48 | RUA 1° DE MAIO, N° 5 | 7 63
F49 | PLANTA DO PREEXISTENTE 65
F50 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 194 67
F51 | corte D - D' 67
F52 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 196.7 68
F53 | corte E - E' 68
F54 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 194 69
F55 | corte D - D' 69
F56 | PLANTA DE INTERVENÇÃO | COTA 196.7 196.5 70
F57 | corte E - E' 70
F58 | RUA DA FONTE 71
F59 | PLANTA DO PREEXISTENTE 73
F60 | PLANTA DA PROPOSTA | COTA 194 75
F61 | PLANTA DA PROPOSTA | COTA 190.04 76
F62 | 2009 87
F63 | 2015 87
F64 | 2019 88
F65 | 2022 88
F66 | CARTOGRAFIA 90
F67 | Registo fotográfico da habitação | ZONA II 91
F68 | Registo fotográfico | ZONA III 92
F69 | Registo fotográfico da habitação | ZONA III 93
F70 | Registo fotográfico | ZONA III 94
F71 | Registo fotográfico da habitação | ZONA IV 95

INTRODUÇÃO

A presente dissertação centra-se na análise da Serra da Boa Viagem enquanto território em transição, marcado por processos de fragmentação espacial, subocupação e perda progressiva das dinâmicas produtivas que, historicamente, estruturavam a relação entre habitação, paisagem e espaço coletivo. A escolha da Serra da Boa Viagem enquanto objeto de estudo resulta de uma relação pessoal e familiar com o território. Os meus pais nasceram e cresceram nesta povoação, e aí regressam sempre que possível, facto que me permite ter um conhecimento profundo desta povoação, dos seus habitantes, da sua cultura e do seu modo de vida, bem como das suas preocupações e desafios que enfrentam.

Esta proximidade proporcionou um conhecimento prévio da realidade local e das transformações que a marcaram ao longo do tempo, constituindo um ponto de partida para a investigação e para a compreensão das dinâmicas territoriais que atualmente caracterizam a povoação.

A investigação parte da interpretação destas condições, não como estados conclusivos, mas como manifestações de um sistema territorial em transformação, onde persistem estruturas espaciais suscetíveis de reutilização e reativação. O principal objetivo do trabalho consiste em compreender de que forma um contexto caracterizado pela descontinuidade funcional pode voltar a operar como sistema relacional, capaz de acolher novas formas de habitar e de restabelecer continuidades entre espaço construído, domínio público e paisagem.

Neste sentido, a investigação procura identificar permanências morfológicas, estruturas devolutas e espaços intermédios passíveis de integrar novas lógicas de ocupação, apropriação e utilização coletiva.

A metodologia desenvolve-se através de uma abordagem sequencial que articula análise territorial, levantamento in situ, leitura morfológica e interpretação projetual. Numa primeira fase, procede-se ao reconhecimento direto da povoação através de visitas ao local, levantamento fotográfico, desenho, análise cartográfica e observação das relações entre rua, habitação, topografia, muros, parcelas agrícolas e espaços devolutos.

O levantamento in situ permitiu identificar situações de fragmentação, subutilização e perda de continuidade territorial, mas também reconhecer permanências físicas e relações espaciais suscetíveis de reutilização. A leitura direta do território tornou possível compreender a forma como a estrutura da aldeia se organiza em torno da rua, da topografia e da proximidade entre habitação, espaço exterior e equipamentos coletivos.

Paralelamente, a investigação apoia-se na recolha de informação histórica, documental e morfológica,

permitindo compreender a evolução territorial da Serra da Boa Viagem e as transformações sociais, económicas e produtivas que contribuíram para a condição contemporânea da povoação.

Numa segunda fase, estas condições são interpretadas enquanto matéria operativa de projeto, entendendo o edificado devoluto, os vazios e os espaços sem utilização definida como suportes potenciais para novas formas de habitar, apropriação coletiva e reativação das relações entre espaço público, habitação e paisagem.

A passagem da análise para a proposta não é entendida como rutura entre momentos distintos, mas como continuidade entre observação, interpretação e intervenção, procurando desenvolver uma estratégia de adaptação progressiva do território a partir das suas estruturas existentes.

A dissertação organiza-se em três momentos principais. O primeiro capítulo estabelece o enquadramento teórico e conceptual da investigação, abordando temas relacionados com fragmentação territorial, reabilitação, reutilização do existente, coabitação e relações entre espaço público e privado. O segundo capítulo desenvolve a leitura territorial da Serra da Boa Viagem, analisando a sua evolução histórica, estrutura morfológica e transformações socioeconómicas. O terceiro capítulo corresponde ao desenvolvimento da proposta arquitetónica, centrada na reorganização das relações entre habitação, espaço público e vida coletiva.

Ao longo do trabalho, análise e projeto são entendidos como partes complementares de um mesmo processo de leitura e transformação do território.

A CONDIÇÃO FRAGMENTADA DO TERRITÓRIO

contemporâneo.

Nas últimas décadas, o território europeu tem sido marcado por profundas transformações nas formas de ocupação, uso e organização do espaço. O modelo de crescimento urbano contínuo, dominante ao longo do século XX, deu lugar a dinâmicas mais complexas e frequentemente contraditórias, caracterizadas pela coexistência entre expansão dispersa e abandono de áreas consolidadas.

A suburbanização e a disseminação do modelo de habitação unifamiliar contribuíram para a fragmentação do território, promovendo uma ocupação extensiva baseada na mobilidade automóvel e na separação funcional dos usos.

Como refere Bernardo Secchi[1], o território contemporâneo caracteriza-se por uma condição dispersa e descontínua, marcada pela sobreposição de infraestruturas, vazios e ocupações fragmentadas.

Paralelamente, muitos contextos rurais e periurbanos enfrentam processos de despovoamento, envelhecimento demográfico e desativação de estruturas produtivas, conduzindo à perda de vitalidade social e económica.

Este duplo movimento de expansão e retração, gera territórios híbridos, onde coexistem ocupação e vazio, permanência e abandono, continuidade física e descontinuidade funcional.

Longe de constituir um fenómeno marginal, esta condição afirma-se como uma característica estrutural do território contemporâneo, colocando em causa modelos tradicionais de planeamento assentes na previsibilidade, estabilidade e crescimento contínuo.

Neste contexto, começam a emergir abordagens críticas que procuram reconsiderar a forma como o território é pensado, ocupado e transformado.

Em Portugal, estas transformações manifestam-se de forma particularmente evidente em territórios rurais e periurbanos de baixa densidade, onde o abandono progressivo das atividades agrícolas e a concentração de serviços nos centros urbanos contribuíram para o enfraquecimento das dinâmicas locais. Nestes contextos, a permanência física das estruturas construídas contrasta frequentemente com a perda das relações sociais e produtivas que anteriormente lhes davam suporte.

[1]Secchi, B., citado em Fontes, M. (2025). *O SOPRO. Entre invisibilidades urbanas.* Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho.



novas leituras do habitar:
do crescimento ao decrescimento

Perante a coexistência simultânea de processos de expansão urbana e retração territorial, o território contemporâneo apresenta-se cada vez mais como uma estrutura fragmentada, onde a continuidade física deixa de corresponder a uma continuidade social, funcional ou produtiva. Esta condição evidencia os limites do paradigma do crescimento contínuo enquanto modelo dominante de desenvolvimento, colocando em causa estratégias assentes na expansão permanente do edificado e no consumo extensivo do solo.

Neste contexto, emergem abordagens críticas que procuram reconsiderar a forma como o território é pensado, ocupado e transformado. Entre estas destaca-se o conceito de decrescimento, desenvolvido por autores como Serge Latouche[2], entendido não como uma lógica de regressão, mas como uma mudança de paradigma baseada na redução do consumo de recursos, na valorização das pré-existências e na redefinição das relações entre produção, habitação e território.

Aplicado ao espaço construído, o decrescimento implica abandonar modelos assentes na substituição e expansão contínua, reconhecendo o potencial latente das estruturas existentes. Intervir deixa, assim, de significar acrescentar indiscriminadamente, passando a envolver processos de adaptação, reutilização e reorganização do território construído.

Neste contexto, o decrescimento não é entendido apenas como redução material ou retração económica, mas como possibilidade de reorganização das formas de ocupação e utilização do território. Aplicado à arquitetura, implica trabalhar sobre estruturas existentes, reforçar relações de proximidade, intensificar usos quotidianos e promover formas de habitar assentes na partilha de recursos e na adaptação progressiva do espaço construído. A pequena escala, a reutilização de infraestruturas já implantadas e a valorização de sistemas coletivos surgem, assim, como alternativas a modelos de crescimento extensivo e consumo contínuo do solo.

Esta mudança de paradigma possui implicações diretas nas formas contemporâneas de habitar. O modelo dominante de habitação individual isolada, associado à autonomia, à separação funcional e à propriedade privada, revela-se progressivamente desajustado face às transformações sociais, económicas e demográficas das últimas décadas. O envelhecimento populacional, a instabilidade económica e a fragilização das estruturas familiares tradicionais evidenciam a necessidade de repensar formas de suporte coletivo e modelos de organização quotidiana mais adaptáveis e partilhados.

Neste cenário, a reutilização de estruturas existentes e a partilha de recursos afirmam-se como instrumentos centrais na redefinição contemporânea do habitar, permitindo reativar situações de abandono e fragmentação através de formas de ocupação mais próximas, coletivas e territorialmente integradas.

[2]Latouche, S. (2009). *Petit traité de la décroissance sereine*, WMT Martins Fontes Ltda



porosidade.

É neste enquadramento que a reabilitação assume um papel central enquanto estratégia de intervenção no território contemporâneo. Mais do que uma operação técnica de recuperação do edificado, a reabilitação é entendida como um processo de reorganização espacial e social, capaz de reinterpretar estruturas existentes e adaptá-las a novas formas de utilização.

Neste sentido, o projeto parte do reconhecimento das permanências enquanto suporte da identidade territorial. Como defende Aldo Rossi em A Arquitetura da Cidade[3], a cidade constrói-se através da acumulação de formas, memórias e elementos persistentes que atravessam diferentes períodos históricos. Intervir sobre o existente não implica substituir ou apagar, mas estabelecer uma relação crítica de continuidade com as pré-existências, reconhecendo no construído uma matéria ativa de projeto.

Esta perspetiva aproxima-se da reflexão desenvolvida por Ignasi de Solà-Morales em *Del contraste a la analogía*[4], onde a arquitetura deixa de afirmar-se através da rutura formal, passando a construir-se a partir de relações entre tempos, escalas e usos. Aplicada a territórios marcados pelo abandono e pela descontinuidade funcional, esta abordagem permite compreender o existente como suporte ativo de reutilização e adaptação.

Neste contexto, o decrescimento é entendido como possibilidade de reorganização das formas de ocupação e utilização do território, privilegiando a reutilização de estruturas existentes, a pequena escala e o reforço das relações de proximidade.

Mais do que introduzir novas estruturas, a intervenção procura atuar sobre edifícios devolutos, espaços intermédios e situações de fragmentação capazes de reforçar relações de proximidade e apropriação quotidiana. Neste processo, a reabilitação articula-se com a noção de coabitação, e com a ideia de porosidade, entendida como capacidade de estabelecer relações entre espaço público e privado, doméstico e coletivo, arquitetura e paisagem, através da introdução de transições e espaços intermédios.

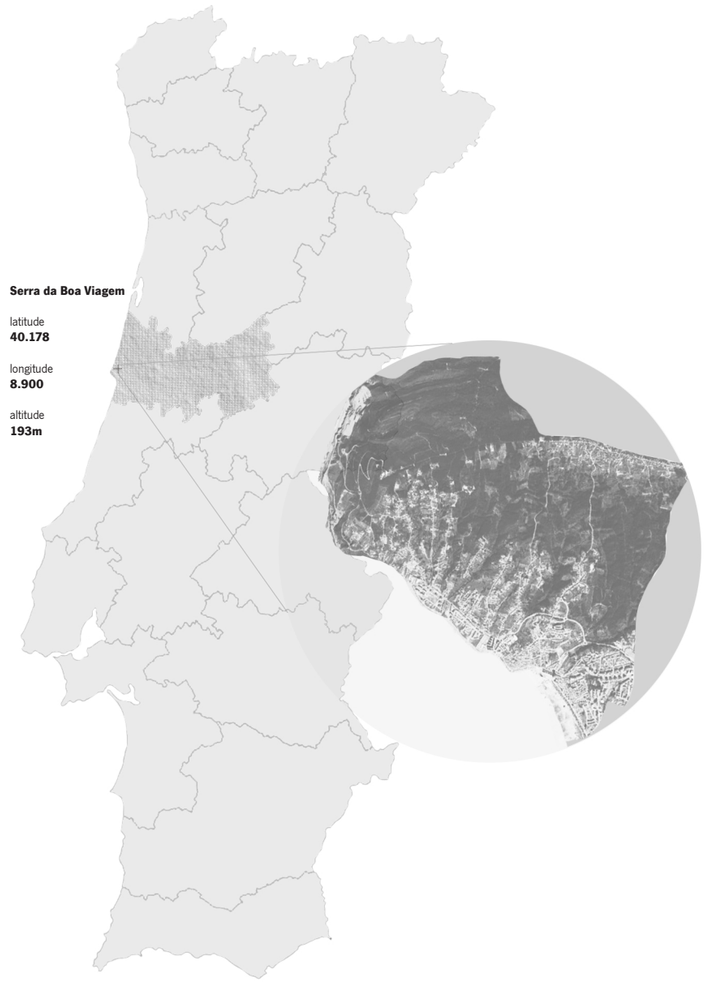
[3]ROSSI, A. (2001). *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes

[4]SOLÀ-MORALES, I. *Del contraste a la analogía: Transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica*. Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico, 2001, https://doi.org/10.33349/2001.37.1270



ANÁLISE GERAL:

SERRA DA BOA VIAGEM



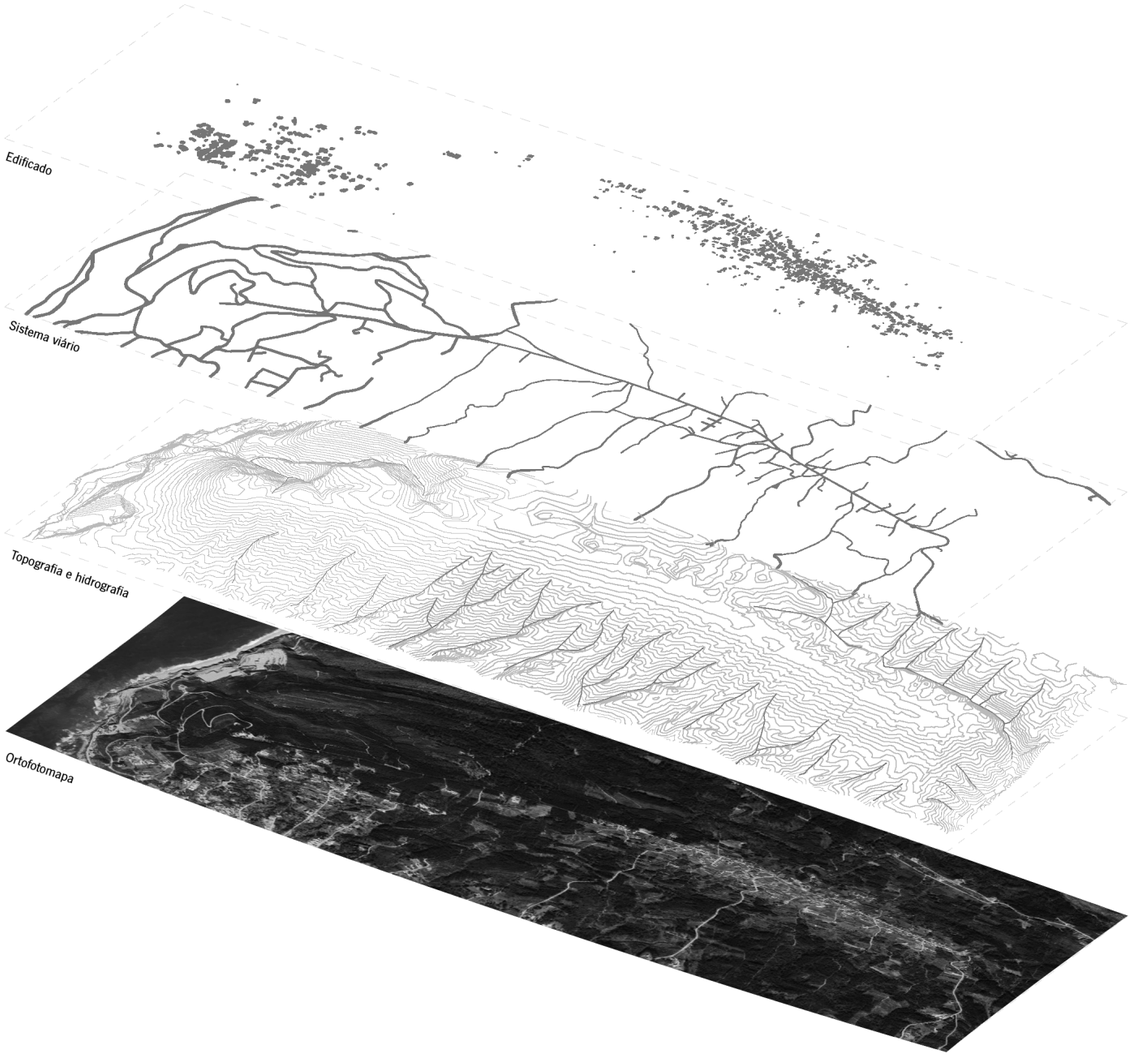
F04 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Mapa de localização

um território de transição.

A Serra da Boa Viagem, localizada no município da Figueira da Foz, (figura 4) insere-se num território de transição onde convergem três sistemas territoriais distintos: o oceano Atlântico, o vale do rio Mondego e uma estrutura montanhosa florestal. Esta condição define uma paisagem híbrida, na qual os sistemas naturais não funcionam apenas como enquadramento, mas como elementos estruturantes da ocupação humana.

Apesar da sua proximidade à cidade da Figueira da Foz, a Serra da Boa Viagem apresenta uma progressiva descontinuidade funcional e social em relação ao tecido urbano , ainda que mantenha fortes relações de dependência, nomeadamente através da mobilidade pendular e da procura turística associada ao miradouro e à paisagem costeira. Esta condição simultaneamente periférica e dependente contribui para a definição da sua identidade territorial, marcada por relações instáveis entre habitar, produção e natureza.

Do ponto de vista biofísico (figura 5), o território é fortemente condicionado por um sistema de relevo acidentado, com encostas pronunciadas, cumeadas e linhas de talvegue, que contrasta com áreas mais suaves na proximidade do litoral e do estuário do Mondego. Esta variação topográfica determina padrões de ocupação dispersa e linear, organizados em função da morfologia do terreno. A rede viária assume, assim, um papel estruturante, funcionando mais como adaptação ao relevo do que como elemento organizador autónomo.



F05 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Características biofísicas

A este sistema junta-se a influência climática atlântica, caracterizada por elevada humidade, ventos dominantes e precipitação, que, em articulação com a rede hidrográfica local, ainda que pouco expressiva, contribui para a definição das condições de fertilidade do solo e da viabilidade agrícola. A presença de água, associada ao declive, à exposição solar e à orientação das encostas, condiciona diretamente os sistemas produtivos e a transição entre áreas agrícolas e florestais.

A ocupação do solo (figura 8) apresenta uma estrutura fragmentada, marcada pela coexistência entre áreas agrícolas residuais, floresta e um povoamento disperso. As práticas agrícolas, de pequena escala e carácter familiar, encontram-se hoje em regressão, permanecendo apenas em parcelas isoladas. As habitações distribuem-se de forma dispersa ao longo das vias, muitas vezes associadas a processos de segunda habitação e turismo sazonal, o que reforça a alternância entre ocupação permanente e temporária.

A Mata Nacional da Boa Viagem constitui o principal sistema contínuo do território, funcionando simultaneamente como infraestrutura ecológica, paisagem produtiva e suporte de atividades de lazer. Este papel híbrido reforça a complexidade funcional da serra, onde natureza e uso humano se sobrepõem.



F06 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Fotografia da encosta



F07 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Fotografia da encosta

zona agrícola
zona de eucaliptal
zona de pinhal
zona de mata

F08 | Planta de ocupação do solo
escala 1|10 000

evolução histórica.

A formação da Serra da Boa Viagem resulta de um processo de ocupação progressiva, assente na exploração articulada dos recursos naturais e na sobreposição sucessiva de diferentes sistemas produtivos.

As primeiras formas de ocupação estão associadas ao sistema estuarino do Mondego e ao oceano Atlântico, estruturando atividades como a pesca e a produção salineira, particularmente desenvolvida na Ilha da Morraceira. Relacionada com este sistema consolidou-se também a produção de arroz em áreas de várzea, reforçando uma forte dependência das dinâmicas hidrográficas do estuário.

Em paralelo, desenvolveu-se uma matriz agrícola de pequena escala e base familiar, articulada com uma intensa mobilidade quotidiana entre a serra e a cidade da Figueira da Foz, particularmente através da ligação à indústria conserveira. A gestão florestal da Mata Nacional da Boa Viagem introduziu posteriormente uma nova camada de organização territorial, simultaneamente produtiva e infraestrutural.

Mais tarde, a atividade mineira no Cabo Mondego acrescentou uma dimensão industrial ao sistema territorial, reforçando as relações entre a serra e a cidade e promovendo novas infraestruturas e fluxos de mobilidade laboral.

Estes diferentes sistemas, estuarino, agrícola, florestal e industrial, (figura 9) não se sucederam de forma linear, mas coexistiram no tempo, configurando um território estratificado e funcionalmente complementar. Apesar da transformação progressiva destas atividades, persistem ainda vestígios físicos destes diferentes sistemas produtivos na estrutura da povoação, nos percursos, nos limites parcelários e nas construções dispersas pela serra. Estas permanências permitem compreender o território contemporâneo como resultado da sobreposição de diferentes tempos, formas de ocupação e relações produtivas.

Paralelamente, a Serra da Boa Viagem afirmou-se também como espaço de contemplação, atravessamento e lazer, associado à sua posição geográfica estratégica, à proximidade entre serra e oceano e à qualidade paisagística do território. A coexistência entre sistemas produtivos, percursos e paisagem contribuiu para consolidar uma relação contínua entre mobilidade, permanência e utilização quotidiana da serra.

Pré-história – Século XVIII
Ocupação dispersa ligada à caça, recolha e pastorícia
Relação direta com o território natural (subsistência)
Primeiras transformações humanas pouco intensivas
(território como suporte de vida)

Século XIX - Início do Século XX
Consolidação de uma economia rural de subsistência
Exploração de recursos locais (lenha, cal, pedra)
Ligação indireta ao crescimento industrial da Figueira da Foz (ex: conservas)
(Território produtivo [baixa intensidade])

1913 - 1924 Florestação
Introdução massiva de pinhal e outras espécies
Alteração do ecossistema e da paisagem tradicional
Redução do mosaico agrícola diversificado
(Artificialização da paisagem + início de desequilíbrios ecológicos)

1930 - 1960 Transição produtiva
Serra ainda habitada com base em agricultura e pequena produção
Início de emigração e abandono progressivo
Construção pontual de infraestruturas
(Transição: do produtivo para o declínio)

1960 - 1990 Êxodo rural
Forte emigração (nacional e internacional)
Envelhecimento da população residente
Casas devolutas e perda de vitalidade comunitária
(Território em retração)

1967 Encerramento das minas do Cabo Mondego
Fim de uma atividade económica relevante
Perda de emprego e aceleração do abandono
(Rutura económica local)

1991 - 2015 Declínio e abandono
Fim das dinâmicas industriais ligadas à região
Abandono da agricultura tradicional
Aumento do risco de incêndios florestais
Degradação do património construído
(Paisagem em ruína + perda de identidade produtiva)

2015 - 2025 Revalorização Contemporânea
Crescimento do turismo de natureza
Reocupação pontual (habitação secundária, investimento externo)
Valorização dos miradouros e percursos pedestres
Pressão sobre o território (risco de descaracterização)
(Território como consumo [lazer, contemplação])

transformações socioeconómicas.

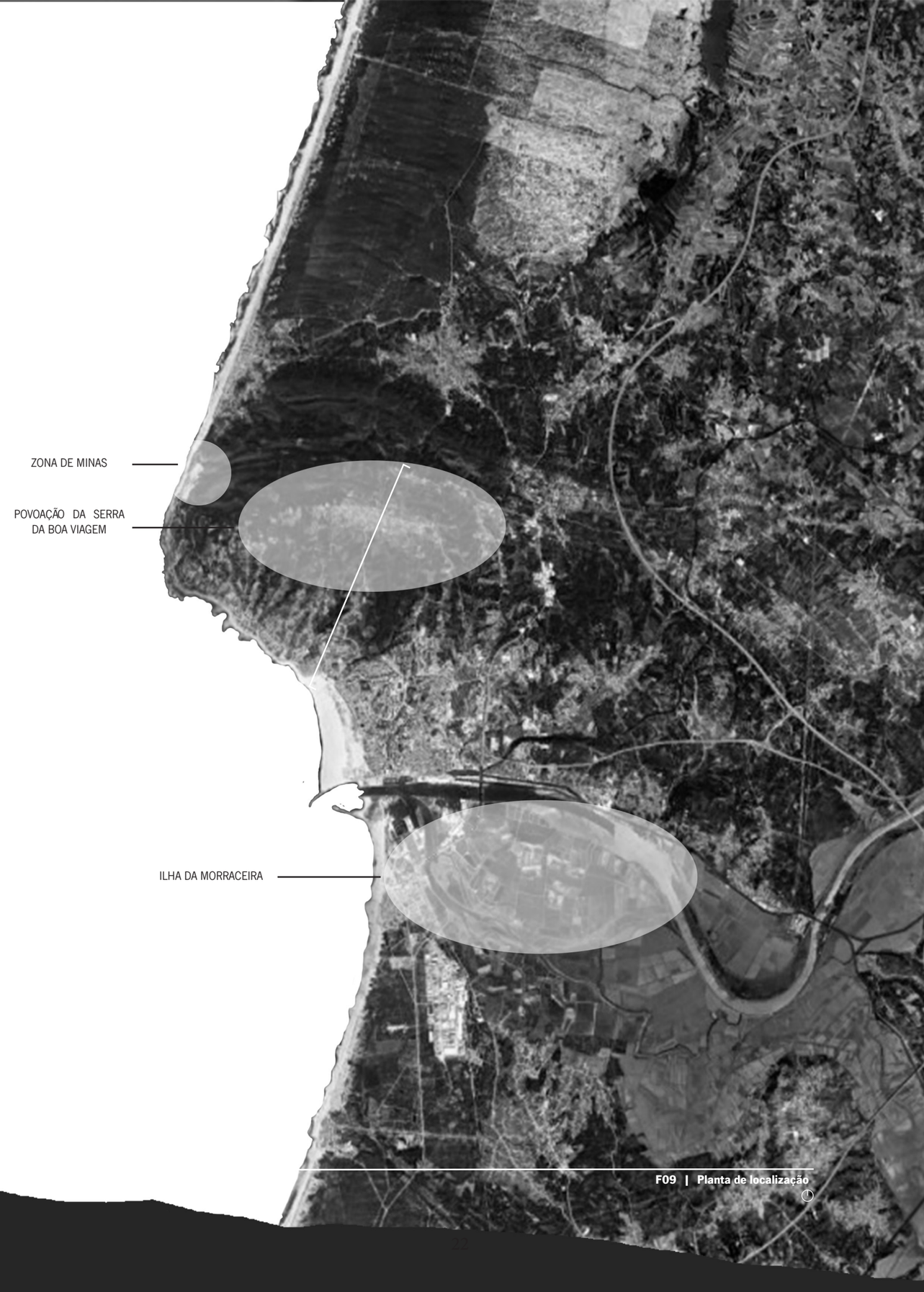
A partir da segunda metade do século XX, a Serra da Boa Viagem entrou num processo de transformação estrutural marcado pelo enfraquecimento progressivo do seu sistema produtivo tradicional. O encerramento das minas do Cabo Mondego, em 1967, associado à intensificação da emigração para a Europa nas décadas de sessenta e setenta, desencadeou uma profunda reconfiguração das dinâmicas sociais e económicas do território.

As remessas enviadas pelos emigrantes impulsionaram um processo construtivo significativo, introduzindo novos padrões de conforto e uma relação mais intencional com a paisagem, particularmente através da valorização das vistas sobre o mar. Contudo, este processo revelou-se estruturalmente frágil. Apesar do regresso da primeira geração de emigrantes, as gerações seguintes não mantiveram uma ligação efetiva ao território, conduzindo a situações de subocupação e abandono habitacional.

Neste contexto, a Serra da Boa Viagem transita de um território associado a lógicas produtivas para uma realidade predominantemente residencial e sazonal, marcada pelo envelhecimento populacional, pela redução da atividade económica local e pelo enfraquecimento das dinâmicas coletivas.

Apesar da existência de equipamentos e infraestruturas, cafés, associações recreativas, antiga escola e parques de merendas, (figura 10 e figura 11) muitos destes funcionam de forma intermitente ou residual, revelando um desfasamento entre a presença física das estruturas e a sua utilização quotidiana. A sociabilidade local persiste sobretudo através de relações informais de vizinhança, evidenciando a fragilidade da continuidade social no território.

Paralelamente, o abandono progressivo das práticas agrícolas e a substituição por monoculturas florestais, nomeadamente de eucalipto, contribuíram para a redução da diversidade ecológica e para o aumento da vulnerabilidade a incêndios. Apesar destas transformações, persistem ainda estruturas, percursos e formas de ocupação capazes de revelar as dinâmicas anteriormente associadas ao território, evidenciando uma condição marcada simultaneamente por abandono, memória e potencial de reutilização.





F09 | Planta de localização

Miradouro da Bandeira

Capela de Santo Amaro

Fonte de Santa Marinha

Fonte da Horta

Campo de Futebol do Parque Florestal

Café Snackbar 180

Antiga escola / Associação de trilhos da Boa Viagem

Proserra

GRSBV

U.I.R | União, Instrução e Recreio

Casa Pinha

Casa Abrigo do Sporting Club Figueirense

Capela da Nossa Sr.ª da Boa Viagem

Mini mercado Boa Viagem

Café Europa

Miradouro da Nossa Senhora dos Caminhos

Cemitério da Serra da Boa Viagem

Casa Pinha



Fonte da Santa Marinha



Capela de Santo Amaro



Miradouro da Bandeira



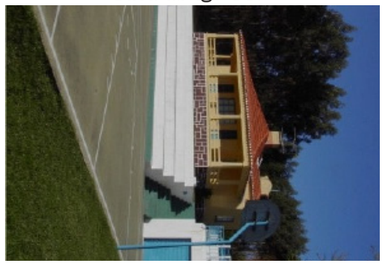








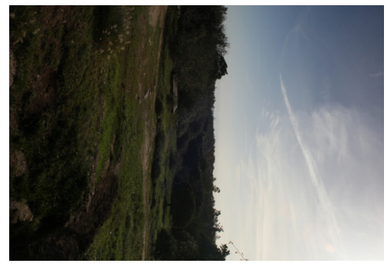
Casa abrigo SCF



Fonte da Horta















Cemitério



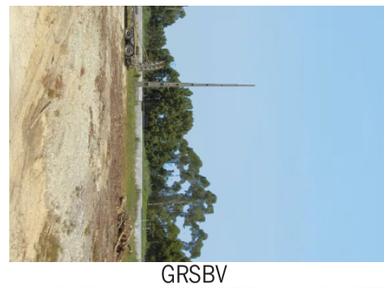
Capela da Nossa Sr.ª da Boa Viagem



Café Snackbar 180



Campo de futebol do Parque Florestal





Café Colina





GRSBV



Miradouro Nossa Senhora dos Caminhos



Mini mercado



Café Europa



Proserra

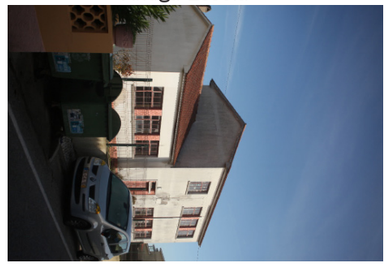


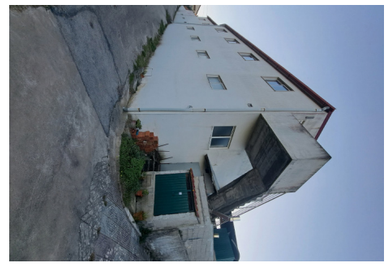


U.I.R



Antiga Escola





A RUA

DA SERRA DA BOA VIAGEM | 1º MAIO | PARQUE FLORESTAL

a rua e a estrutura da povoação.

A rua constitui o principal elemento estruturador da povoação da Serra da Boa Viagem, funcionando como eixo linear a partir do qual se desenvolveu a ocupação do território (figura 12). A implantação das habitações, parcelas agrícolas e espaços exteriores organiza-se diretamente em relação ao seu traçado, acompanhando a topografia da serra e a adaptação ao relevo.

Mais do que uma infraestrutura de circulação, a rua funcionava historicamente como extensão do espaço doméstico e produtivo, articulando acessos, soleiras, pátios e pequenos espaços exteriores numa utilização quotidiana contínua. O espaço da rua não era entendido exclusivamente como lugar de passagem, mas como suporte de convivência, trabalho e permanência, onde se desenvolviam atividades associadas à agricultura, ao transporte de materiais, aos encontros informais e às relações de vizinhança.

Neste sistema, o largo da igreja assumia um papel central enquanto espaço de intensificação da vida coletiva, concentrando celebrações religiosas, encontros quotidianos e diferentes formas de sociabilidade associadas à população local. A proximidade entre habitação, rua e espaços exteriores permitia uma utilização contínua e partilhada do espaço público, diluindo os limites entre domínio doméstico e coletivo.

A estrutura da povoação desenvolveu-se de forma linear e dispersa, marcada pela presença de escadarias, anexos, muros e pequenos recuos que acompanham as variações topográficas do território. Estas situações intermédias reforçam a relação de proximidade entre habitação e espaço público, criando transições graduais entre interior e exterior.

Contudo, o progressivo abandono das práticas agrícolas e a transformação dos modos de vida alteraram profundamente esta relação. A rua perdeu parte da sua dimensão coletiva e produtiva, passando a desempenhar predominantemente uma função de atravessamento associada ao automóvel. Apesar disso, continua a assumir uma utilização híbrida, onde coexistem circulação automóvel, percursos pedonais e pequenas situações de permanência quotidiana.

Paralelamente, a relação entre domínio doméstico e espaço público tornou-se progressivamente mais rígida. A leitura da planta de muros evidencia a predominância de limites opacos e contínuos ao longo da rua, reduzindo a permeabilidade física e visual da povoação e contribuindo para situações de fragmentação espacial.

Atualmente, coexistem habitações ocupadas, edifícios devolutos e parcelas sem utilização definida, revelando uma estrutura descontínua e parcialmente subutilizada. Apesar destas transformações, a permanência física da rua continua a desempenhar um papel fundamental na organização da povoação, funcionando como elemento de ligação entre diferentes partes do território e como suporte das relações quotidianas ainda presentes na aldeia.

Neste contexto, os limites existentes tornam-se relevantes enquanto possibilidade de transformação espacial. Pátios, acessos partilhados e espaços intermédios podem funcionar como zonas de mediação entre interior e exterior, permitindo reintroduzir relações de proximidade e formas coletivas de utilização quotidiana. Mais do que alterar a estrutura da povoação, a proposta procura reativar continuidades já presentes no território, reforçando a capacidade da rua enquanto espaço de encontro, atravessamento e permanência.

espaços maioritariamente privados, onde predominam áreas verdes, logradouros e terrenos baldios, atualmente subutilizados

caráter público e público-privado, abrange espaços acessíveis, mas com restrições, geralmente associados a equipamentos educativos e culturais

edificado

edificado abandonado

F12 | Planta da condição atual
escala 1|2000



F13 | Fotomontagem alçado norte



F14 | Fotomontagem alçado sul





F15 | Planta do espaço público
escala 1|1000



F16 | Registo fotográfico do edificado abandonado

entre proximidade e periferia.

A povoação da Serra da Boa Viagem assume, na contemporaneidade, uma condição paradoxal. Apesar da proximidade física ao centro urbano da Figueira da Foz, verifica-se um progressivo enfraquecimento das funções económicas, sociais e produtivas que historicamente estruturavam a permanência da população e a relação equilibrada com a paisagem.

Esta dualidade entre proximidade geográfica e periferia funcional traduz-se numa perda de continuidade territorial. A estrutura da povoação, marcada pela rua linear, pela ocupação dispersa e pela relação direta entre habitação, parcelas agrícolas e espaço exterior, encontra-se hoje fragmentada, resultado do abandono progressivo das práticas produtivas e da transformação dos modos de vida.

A rua, anteriormente entendida como espaço relacional entre habitar, cultivo e sociabilidade, perdeu parte da sua função estruturante, passando a desempenhar predominantemente um papel de circulação e atravessamento. Em paralelo, muitas das parcelas agrícolas adjacentes, outrora integradas no quotidiano doméstico, encontram-se abandonadas ou sem utilização definida, interrompendo relações de proximidade entre espaço público, habitação e território produtivo.

É neste contexto que a Serra da Boa Viagem deve ser entendida não apenas como território em declínio, mas como uma estrutura em transição, onde coexistem permanências físicas e perdas funcionais. A infraestrutura existente, ruas, habitações, muros, parcelas e caminhos, mantém uma base material ativa, ainda que marcada por situações de fragmentação e subutilização.

Deste modo, a condição atual da povoação não corresponde a uma ausência de estrutura, mas à desarticulação das relações que anteriormente lhe conferiam continuidade e coerência territorial. A proximidade à cidade não se traduz necessariamente em integração funcional, tal como a presença de infraestruturas não garante utilização contínua ou vitalidade coletiva.

É precisamente nesta condição de fragmentação, visível tanto na organização do edificado como na leitura dos limites físicos, que se identifica o potencial de reconfiguração do território. Em vez de interpretar o vazio como ausência, este pode ser entendido como possibilidade de reativação das relações entre rua, habitação, parcelas e espaços coletivos.

Assim, a transição em curso não deve ser entendida como processo de substituição, mas como possibilidade de reorganização interna do existente, onde a reativação da rua, dos seus limiares e dos seus pontos de condensação, como o largo da igreja, assume um papel central na reconstrução das relações entre habitação, espaço público e vida coletiva.

UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA IDENTITÁRIA POR DESCOBRIR

um lugar que procura voltar para a comunidade

reativar a continuidade.

A povoação da Serra da Boa Viagem apresenta-se atualmente como um território marcado pela perda progressiva de dinâmicas produtivas e pelo enfraquecimento das relações sociais que, durante décadas, estruturaram a vivência coletiva da aldeia. Apesar deste processo de transformação, persistem estruturas físicas, espaços devolutos e formas de ocupação capazes de sustentar novas possibilidades de utilização e permanência.

Neste contexto, a intervenção não se orienta para a introdução de modelos externos ou soluções expansivas, mas para a reutilização do existente enquanto matéria ativa de projeto. A proposta atua sobre edifícios abandonados, terrenos subutilizados e relações espaciais enfraquecidas, entendendo a continuidade territorial como resultado da reativação de usos quotidianos e da intensificação das relações entre habitação, espaço público e vida coletiva.

A estratégia concentra-se no núcleo social da povoação, estruturado em torno da Capela da Nossa Sr.ª da Boa Viagem, do Café Colina, da Proserra e do Grupo Recreativo da Serra da Boa Viagem, entendidos como principais pontos de convergência funcional e simbólica da aldeia. A intervenção desenvolve-se num raio aproximado de oitenta metros em torno deste núcleo, privilegiando uma lógica de proximidade e acessibilidade pedonal.

A proposta organiza-se através de quatro zonas de intervenção complementares: a Zona I, dedicada ao espaço coletivo e às práticas culturais; a Zona II, associada à coabitação e à residência temporária; a Zona III, relacionada com a produção local e os usos quotidianos; e a Zona IV, destinada à alimentação coletiva e à permanência exterior. Apesar da diferenciação programática, estas zonas articulam-se através da continuidade da rua, dos percursos pedonais e da relação entre espaços exteriores, equipamentos e habitação.

Embora a intervenção se concentre no centro da aldeia, não procura redefinir formalmente o largo da igreja enquanto novo desenho urbano autónomo. A proposta parte da leitura das relações já existentes entre implantação construída, topografia e utilização quotidiana, procurando reforçar continuidades espaciais e formas de utilização coletiva já presentes na estrutura da povoação.

A rua assume-se como principal suporte da intervenção, funcionando não apenas como infraestrutura de circulação, mas como elemento relacional entre habitação, equipamentos coletivos e espaço exterior. Neste contexto, a leitura dos limites existentes, particularmente evidente na presença contínua de muros e sistemas de vedação, permite identificar situações de fragmentação e separação excessiva entre domínio público e privado.

A intervenção procura, assim, trabalhar a partir das condições existentes da aldeia, reutilizando estruturas devolutas, reforçando relações de proximidade e valorizando espaços intermédios capazes de reativar continuidades entre rua, habitação e vida coletiva. A topografia e a estrutura dispersa da povoação são entendidas como elementos operativos do projeto, permitindo construir diferentes escalas de utilização e apropriação do espaço exterior.



ZONA I

Um espaço coletivo e de práticas culturais.



F18 | GRUPO RECREATIVO SERRA DA BOA VIAGEM



F19 | PLANTA DO PREEXISTENTE | COTA 194
escala 1|250

O Grupo Recreativo da Serra da Boa Viagem assume historicamente um papel central na vida coletiva da povoação, funcionando durante várias décadas como principal espaço de encontro, celebração e sociabilidade local. Associado à realização de festas populares, bailes, arruadas de Primeiro de Maio, celebrações de final de ano, representações teatrais e atividades recreativas, o edifício constituiu um importante suporte das dinâmicas culturais e comunitárias da aldeia.

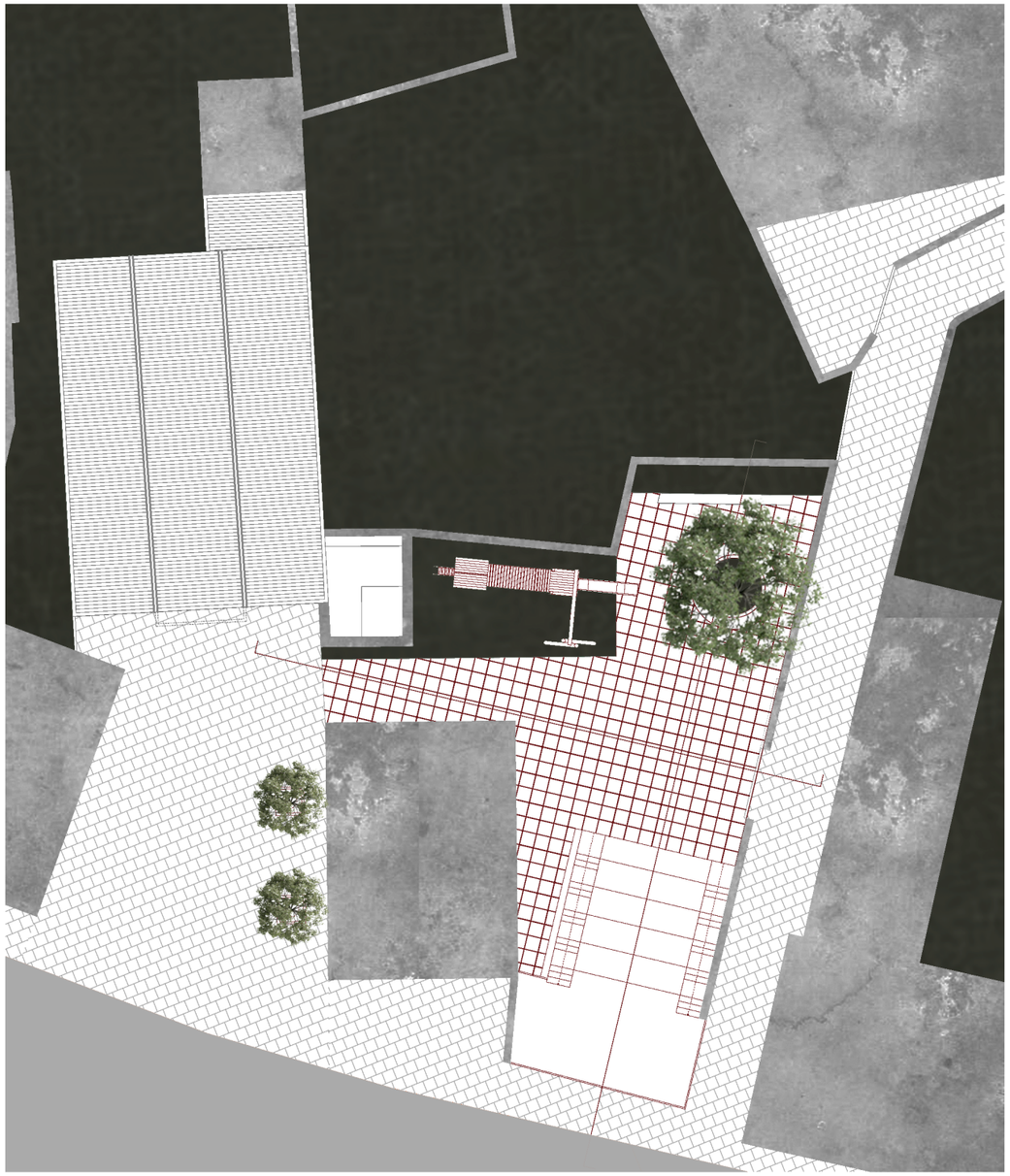
Paralelamente, a continuidade de atividades ligadas ao folclore e às tradições populares- ainda hoje presentes através de iniciativas culturais e festivais associados ao Rancho dos Pauliteiros da Serra da Boa Viagem, evidencia a permanência destas práticas na memória coletiva local. Apesar do progressivo enfraquecimento das dinâmicas sociais da povoação, o espaço mantém uma forte presença simbólica e identitária no centro da aldeia.

Neste contexto, a proposta procura recuperar atividades e práticas historicamente associadas ao lugar através da reativação de uma área verde atualmente abandonada, localizada junto ao Grupo Recreativo da Serra da Boa Viagem. A intervenção reinterpreta este espaço como área exterior de utilização coletiva, funcionando como suporte para atuações do rancho folclórico, encontros informais e eventos comunitários, reforçando a utilização contínua do núcleo central da aldeia e a continuidade das práticas culturais associadas à memória coletiva da povoação.

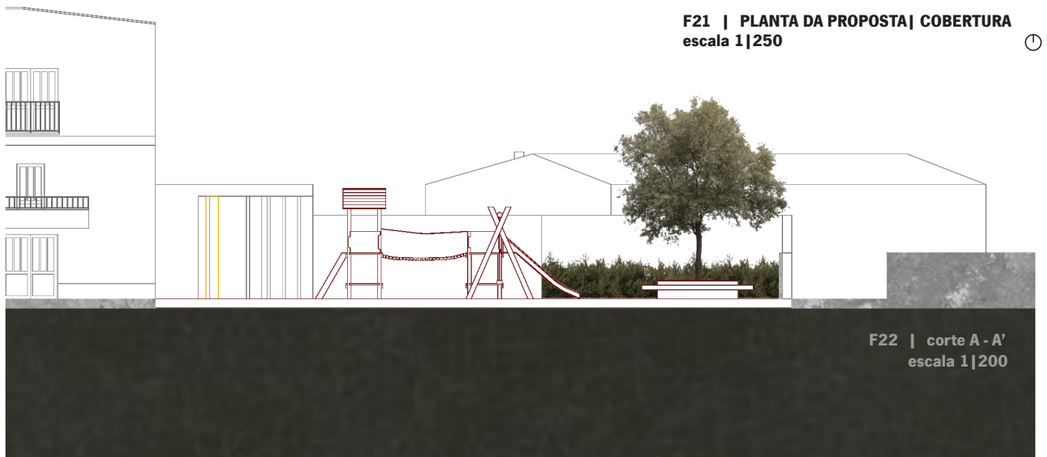
A proposta parte igualmente da reutilização de paredes pertencentes a antigas ruínas existentes no local, integrando-as na definição dos novos espaços de apoio associados à intervenção. Mais do que introduzir novas estruturas autónomas, procura-se trabalhar a partir das permanências construídas já presentes no território, valorizando a memória material do lugar e reforçando a continuidade entre pré-existência e nova utilização.

Mais do que introduzir um programa rígido, a proposta procura preservar o carácter aberto e informal do espaço, permitindo diferentes formas de utilização quotidiana e apropriação coletiva. A intervenção integra ainda pequenos elementos de apoio, nomeadamente instalações sanitárias e equipamentos lúdicos destinados às crianças, procurando ampliar as possibilidades de utilização intergeracional e reforçar a relação entre equipamentos existentes, espaço público e vida coletiva.

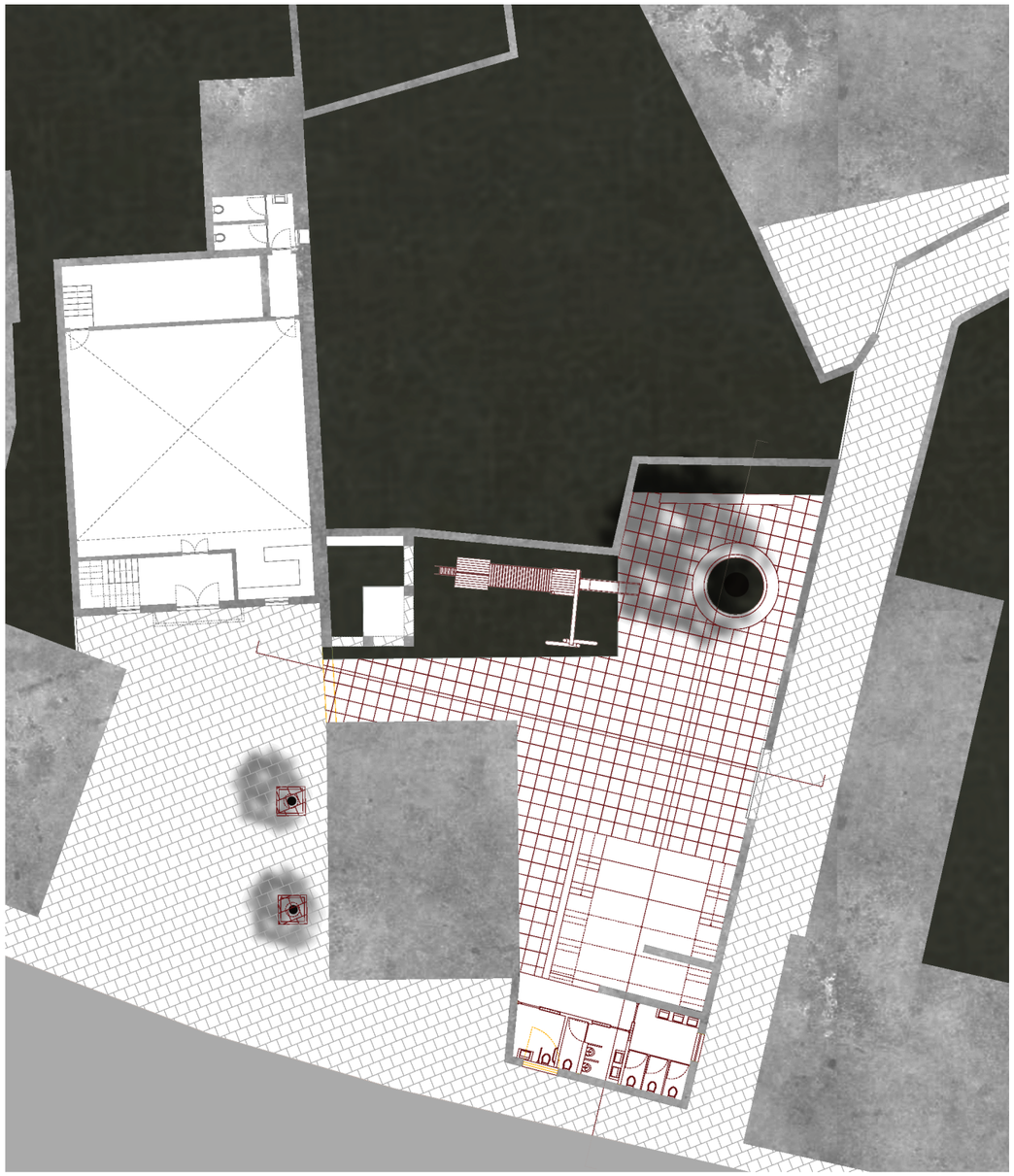




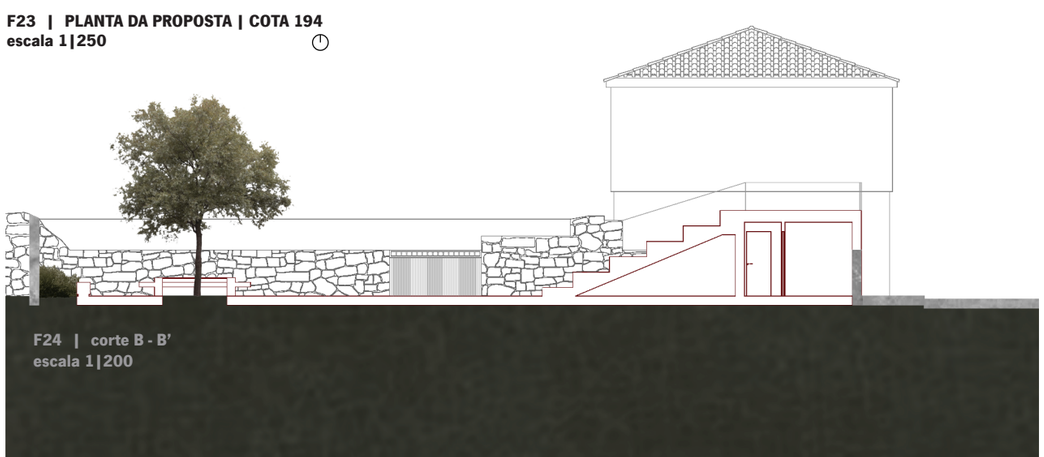
F21 | PLANTA DA PROPOSTA| COBERTURA
escala 1|250



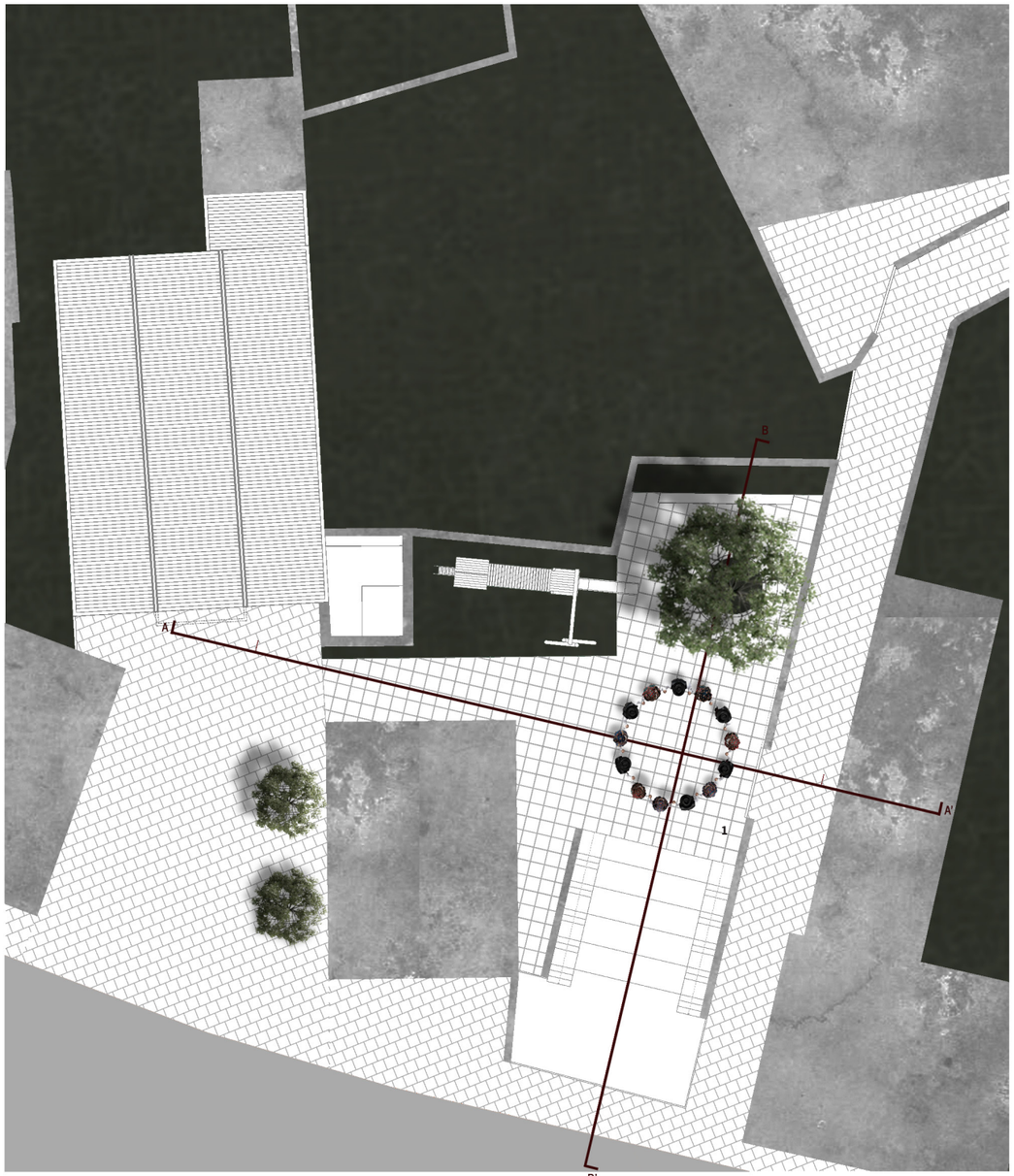
F22 | corte A - A'
escala 1|200



F23 | PLANTA DA PROPOSTA | COTA 194
escala 1|250



F24 | corte B - B'
escala 1|200

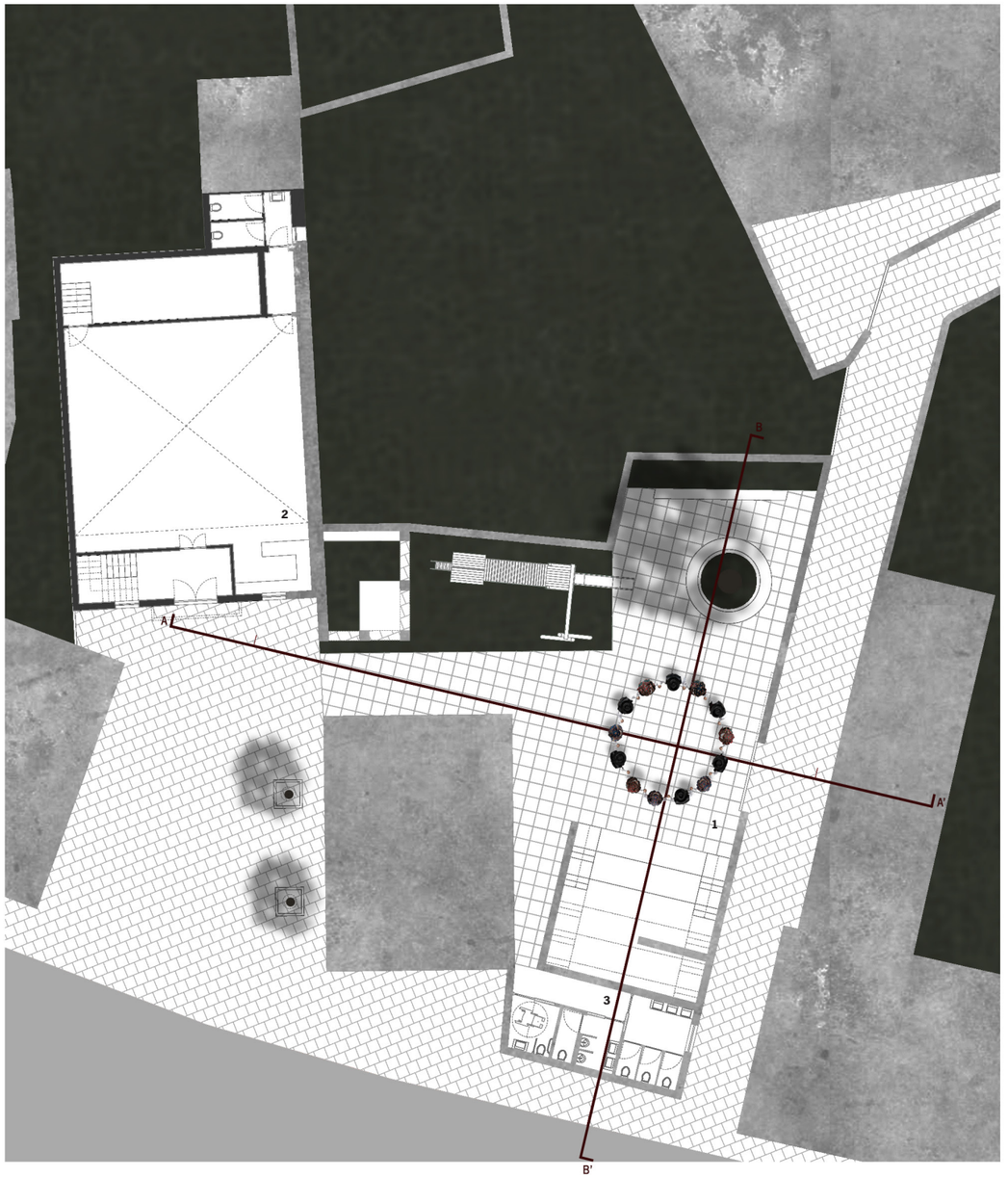


F25 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COBERTURA
escala 1|250

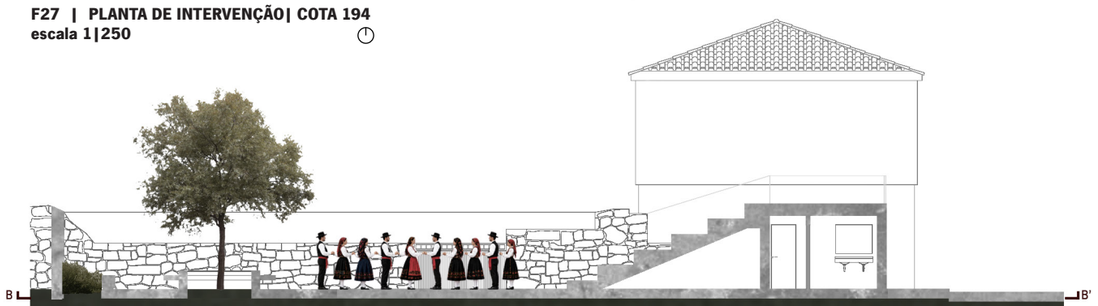


F26 | corte A - A'
escala 1|200

1 - espaço público para vivência comunitária



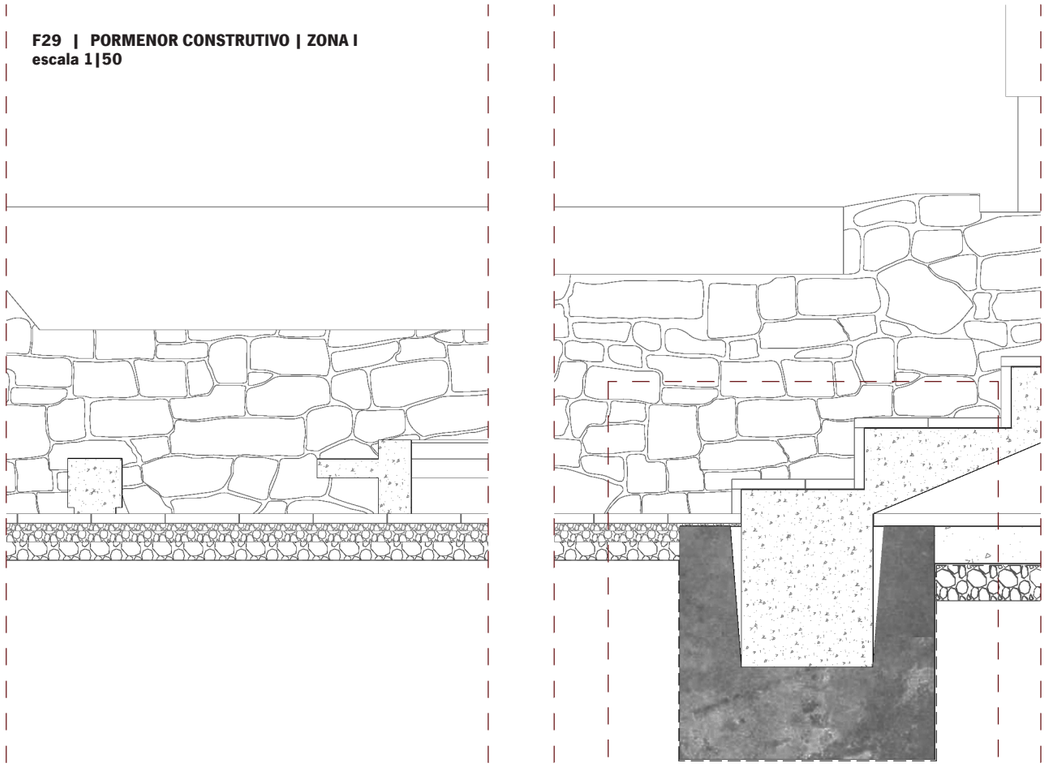
F27 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COTA 194
escala 1|250

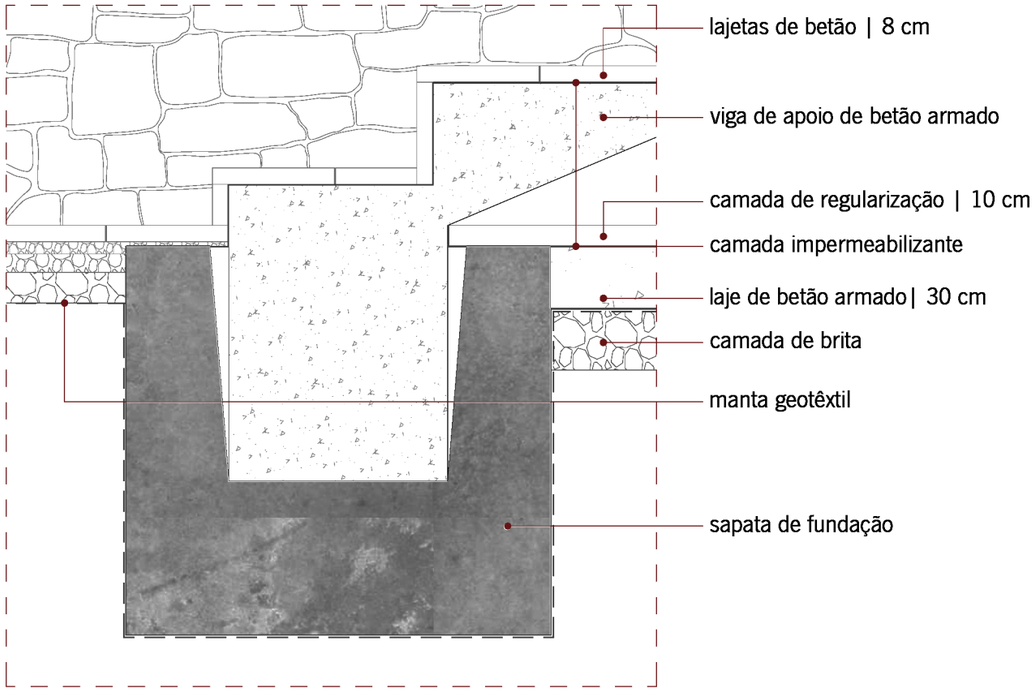


F28 | corte B - B'
escala 1|200

1 - espaço público para vivências comunitárias | 2 - espaço interior para espetáculos | 3 - zona de casas de banho públicas

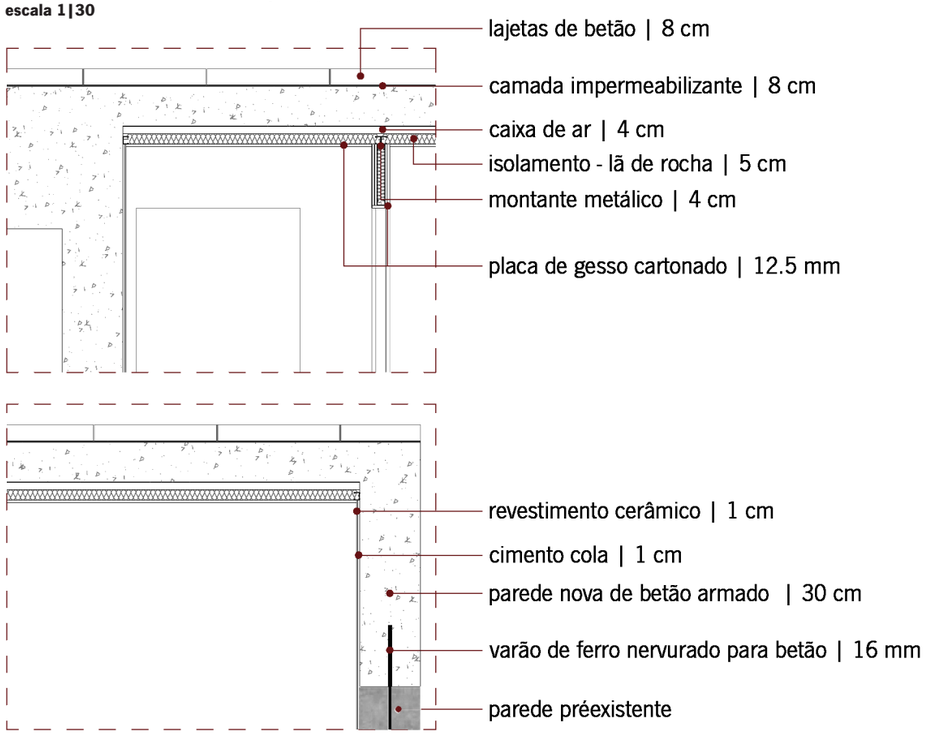
F29 | PORMENOR CONSTRUTIVO | ZONA I
escala 1|50





F30 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO BANCADA E LAJE
escala 1|30

F31 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO COBERTURA E PAREDE INTERIOR
escala 1|30



F32 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO PRÉ-EXISTENTE E CONSTRUÇÃO NOVA
escala 1|30

ZONA II

Coabitação e residência temporária.



F33 | RUA PARQUE FLORESTAL, Nº5



F34 | PLANTA DO PREEXISTENTE
escala 1|250

A proposta materializa-se através de uma estrutura de habitação temporária destinada a acolher visitantes, investigadores e utilizadores associados à vivência da Serra da Boa Viagem. Mais do que responder a um modelo convencional de alojamento, a intervenção procura criar condições de permanência associadas à descoberta do território, transformando a serra, atualmente marcada por lógicas de passagem, num lugar de estadia e relação quotidiana.

A Serra da Boa Viagem constitui atualmente um território de transição entre o mar, a floresta e a paisagem agrícola, sendo frequentemente utilizada como ponto de atravessamento associado a trilhos pedonais, percursos de natureza, praias e miradouros. Apesar desta forte presença de utilizadores temporários, a relação entre estes fluxos e a povoação permanece reduzida, limitando-se muitas vezes a uma utilização pontual da paisagem, sem continuidade com a vida quotidiana da aldeia.

Neste contexto, a proposta procura introduzir formas de permanência lenta e integrada no território, reutilizando habitações devolutas existentes e integrando os espaços de estadia na estrutura da povoação. A proximidade entre habitação, rua e equipamentos coletivos permite reforçar relações entre visitantes e população residente, incentivando a utilização contínua dos espaços públicos e das atividades presentes no núcleo central.

A coabitação é entendida não apenas como partilha de espaço habitacional, mas como possibilidade de participação temporária nas dinâmicas sociais da aldeia. Os residentes passam a relacionar-se com os percursos pedonais, os espaços exteriores, os equipamentos coletivos e as práticas locais, contribuindo para uma utilização mais contínua e diversificada da povoação ao longo do ano.

Os espaços comuns assumem um papel fundamental nesta relação de proximidade. A utilização da cozinha comunitária existente na Proserra reforça práticas de encontro e convivência associadas à preparação e partilha de refeições, recorrendo a produtos agrícolas produzidos localmente e valorizando circuitos de proximidade ainda presentes na serra.

Mais do que um espaço funcional, a cozinha coletiva funciona como estrutura de mediação entre permanência temporária e vida quotidiana da aldeia. Através da partilha de refeições, workshops e atividades associadas à agricultura, ao artesanato e às práticas culturais locais, a proposta procura introduzir formas de habitar baseadas na convivência, na colaboração e na participação coletiva.

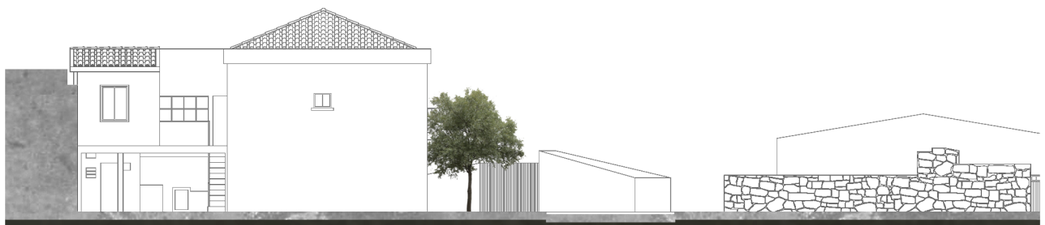
Ao reutilizar estruturas abandonadas e integrar novas formas de permanência no tecido existente, a proposta procura transformar o território de passagem num espaço habitável, entendendo a continuidade da povoação como capacidade de adaptação e reinvenção das relações entre território, habitar e vida coletiva.



F35 | FOTOMONTAGEM



F36 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 194
escala 1|250



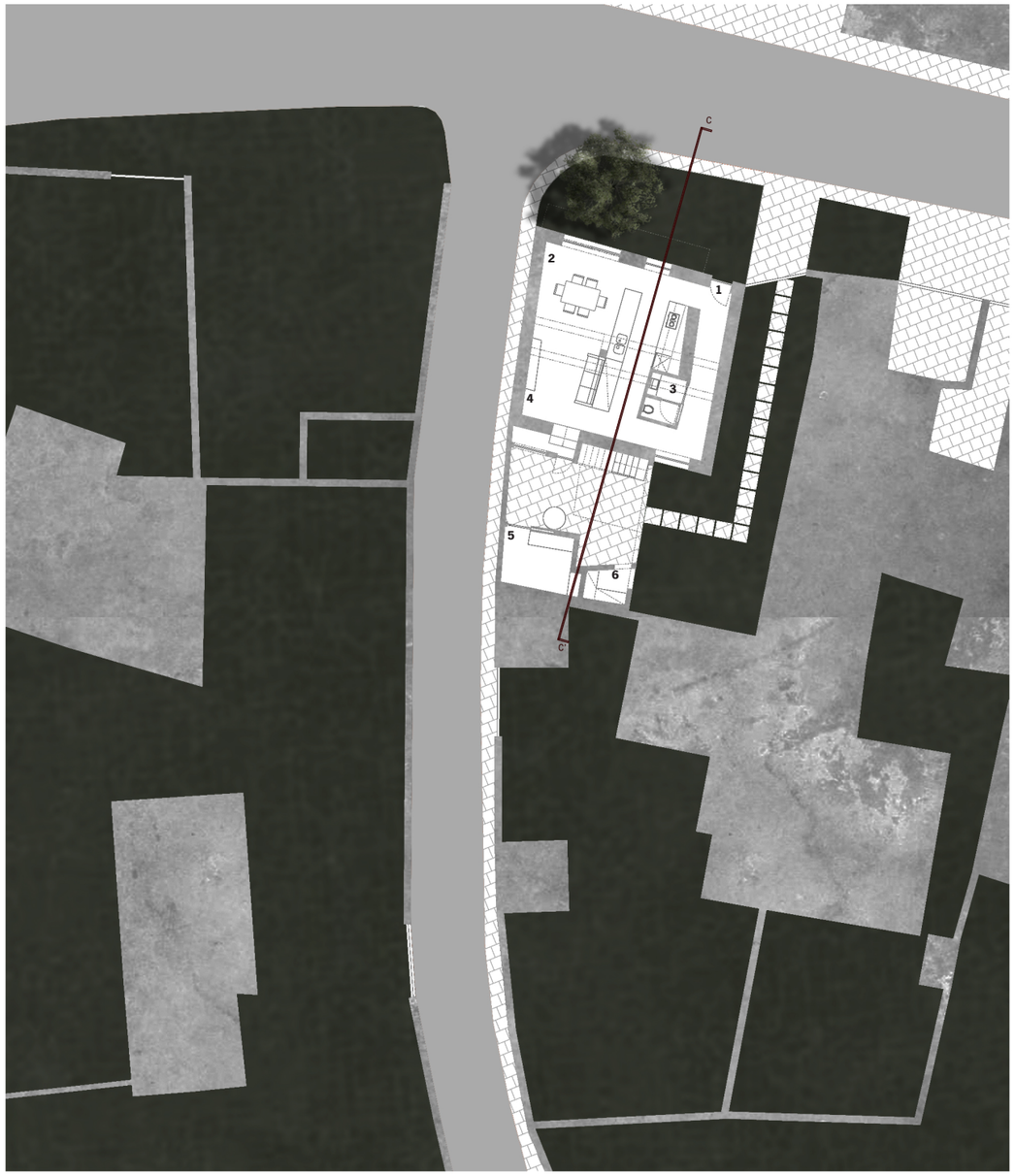
F37 | alçado este
escala 1|200



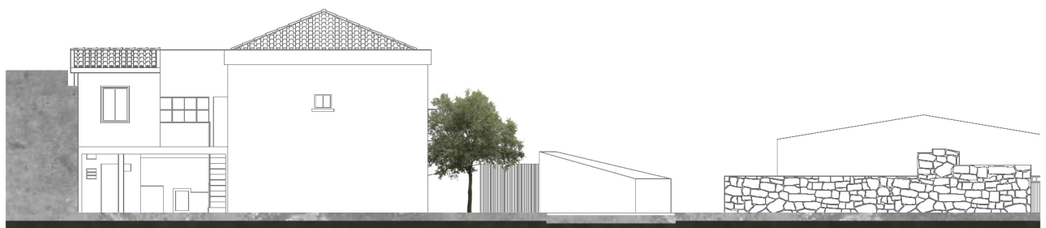
F38 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 197.5
escala 1|250



F39 | corte C - C'
escala 1|200



F40 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COTA 194
escala 1|250

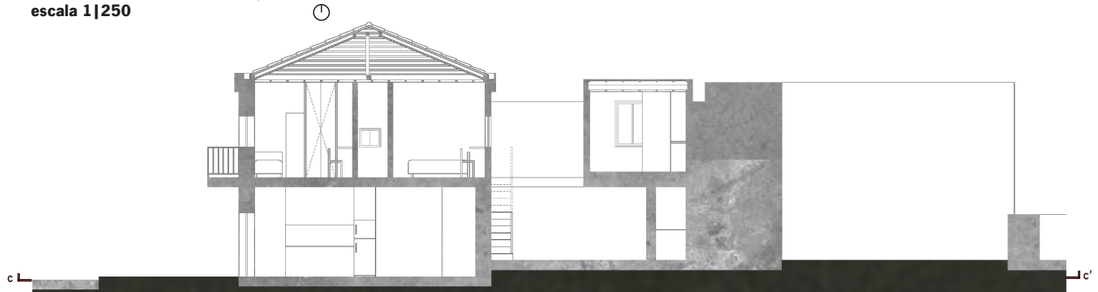


F41 | alçado este
escala 1|200

1 - zona de acesso ao exterior | 2 - zona de cozinha | 3 - casa de banho de serviço | 4 - zona de estar | 5 - zona de cozinha exterior | 6 - anexo

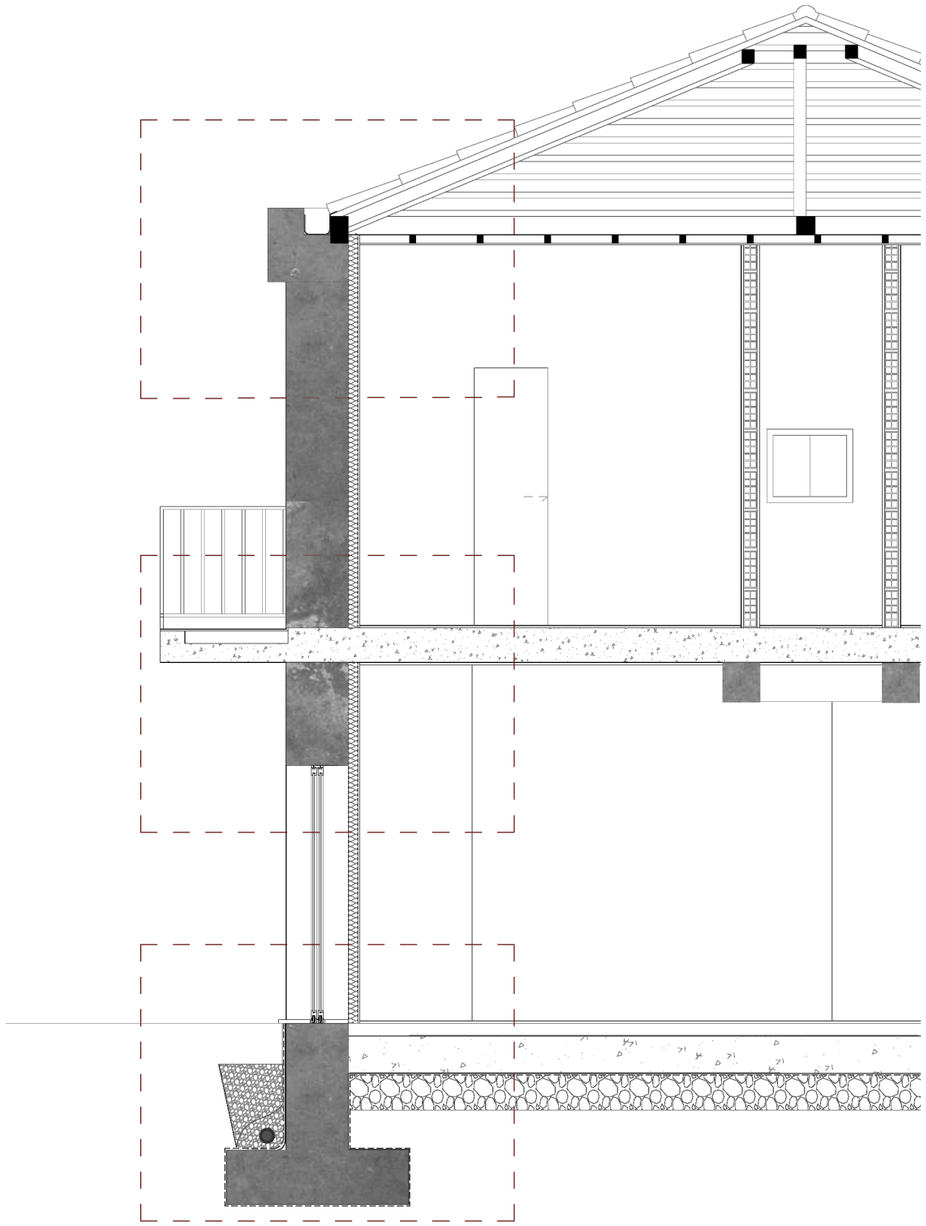


F42 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COTA 197.5
escala 1|250

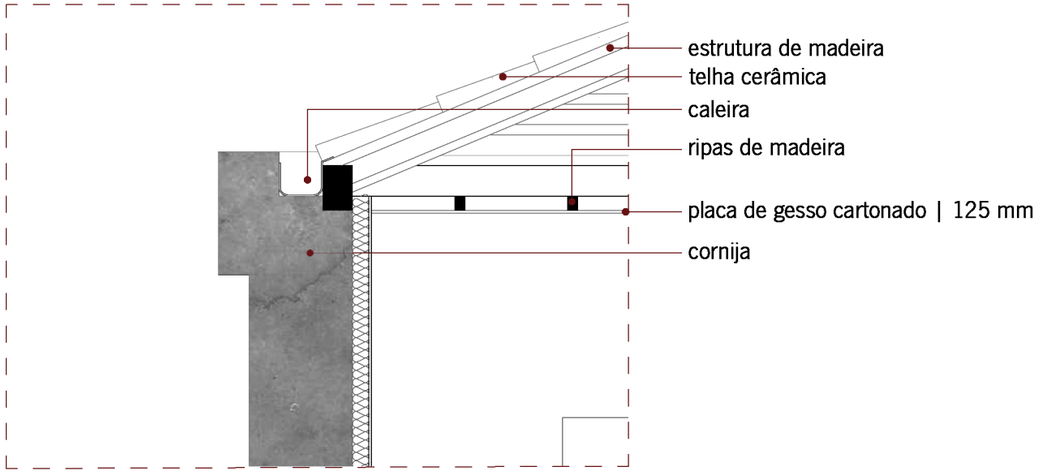


F43 | corte C - C'
escala 1|200

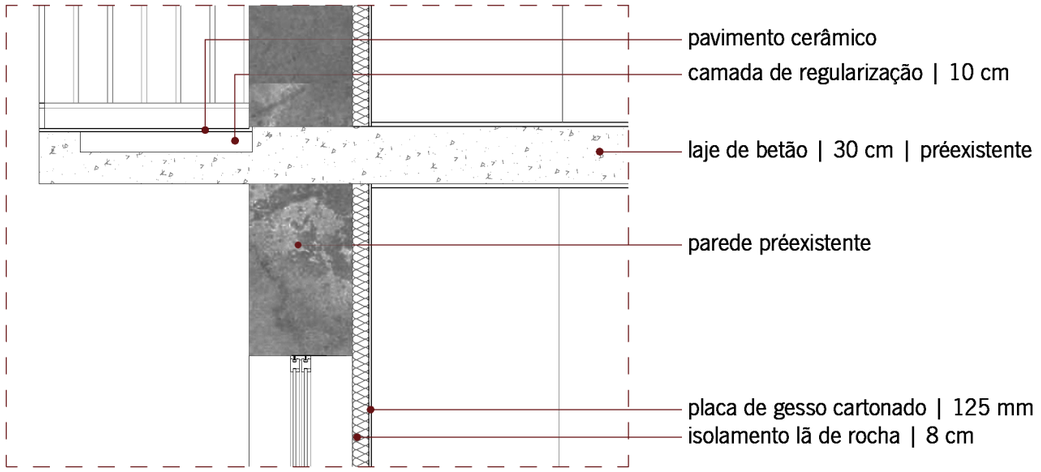
7 - zona de entrada | 8 - zona de estar | 9 - quartos | 10 - casa de banho



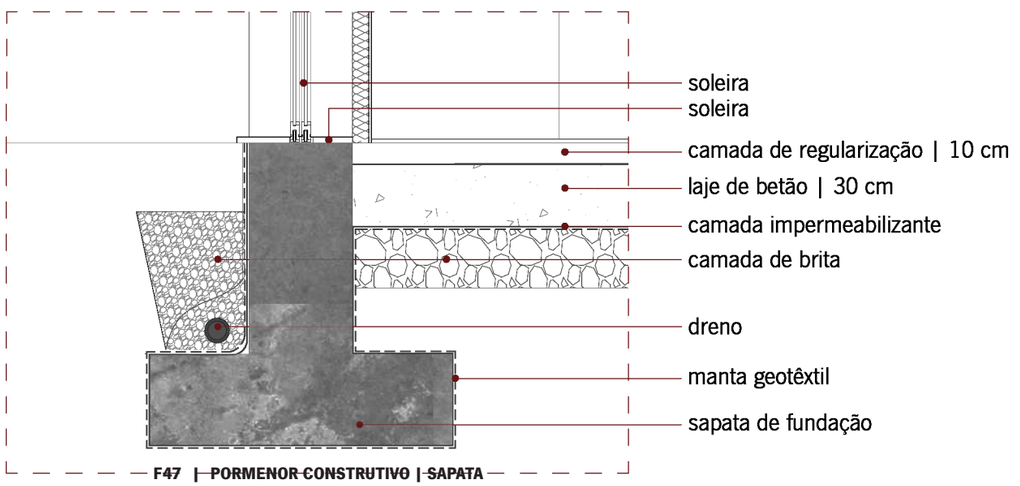
F44 | PORMENOR CONSTRUTIVO | ZONA II
escala 1|50



F45 | PORMENOR CONSTRUTIVO | COBERTURA
escala 1|30



F46 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO PAREDE EXTERIOR E LAJE
escala 1|30



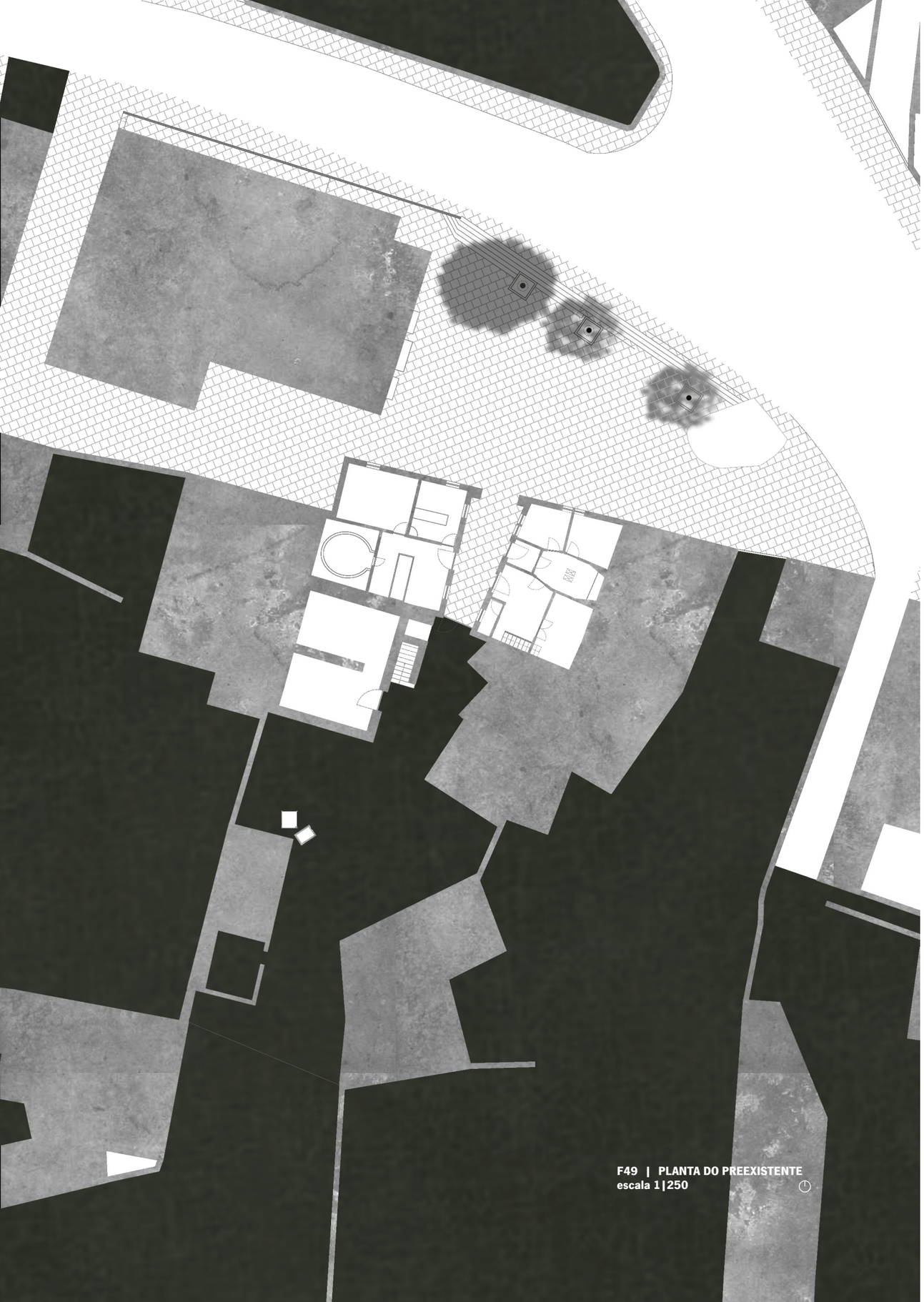
F47 | PORMENOR CONSTRUTIVO | SAPATA
escala 1|30

ZONA III

Produção local e uso quotidiano.



F48 | RUA 1º DE MAIO, Nº 5 | 7



F49 | PLANTA DO PREEXISTENTE
escala 1|250

Junto à Capela da Nossa Sr.ª da Boa Viagem existia uma antiga padaria tradicional, ativa desde meados do século XX, associada ao quotidiano da povoação e ao abastecimento local. Durante o período do Estado Novo, as padarias assumiam frequentemente um papel central na organização económica e social das pequenas povoações, funcionando não apenas como espaços de produção alimentar, mas também como estruturas associadas à distribuição de bens essenciais e à organização da vida quotidiana.

Apesar da progressiva perda destas dinâmicas ao longo das últimas décadas, o edifício mantém uma forte presença na memória coletiva local. Neste contexto, a proposta procura reativar esta estrutura enquanto serviço de proximidade, reconhecendo a sua importância para a população residente, particularmente para os habitantes com menor mobilidade e maior dependência da cidade da Figueira da Foz.

Apesar da existência de distribuição ambulante de pão, realizada através de carrinhas de abastecimento, este serviço apresenta um funcionamento irregular e horários pouco consistentes. A reativação da padaria procura, assim, restabelecer uma atividade quotidiana anteriormente presente na serra, reforçando simultaneamente a autonomia funcional da povoação e a utilização contínua do núcleo central.

Associada a esta intervenção, uma habitação abandonada localizada em frente à padaria é adaptada para acolher um pequeno espaço de pastelaria e permanência informal. O objetivo não consiste em reproduzir a lógica de café ou bar já existente no Café Colina, mas criar um ambiente mais doméstico e familiar, capaz de acolher encontros quotidianos, pequenos lanches e situações de convívio intergeracional.

Em articulação com este espaço, a proposta integra também uma área dedicada à valorização de atividades artesanais tradicionalmente associadas ao território, nomeadamente rendas, bordados e trabalhos têxteis manuais, procurando preservar práticas culturais locais e reforçar a dimensão identitária da povoação.

Paralelamente, outra habitação devoluta é reutilizada para acolher, no piso térreo, uma pequena loja destinada à comercialização de produtos agrícolas produzidos na serra. A proposta procura incentivar circuitos locais de produção e consumo, valorizando os excedentes agrícolas e contribuindo para a continuidade de práticas produtivas atualmente em regressão.

O piso superior deste edifício, originalmente destinado a habitação, é convertido em residência temporária, integrando dois quartos destinados a apoiar visitantes, investigadores ou utilizadores associados às atividades desenvolvidas no núcleo central da povoação. A proximidade entre habitação, produção local, comércio de pequena escala e espaço público procura reforçar relações de proximidade e formas de utilização quotidiana associadas ao centro da aldeia.



F50 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 194
escala 1|250



F51 | corte D - D'
escala 1|200



F52 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 196.7
escala 1|250



F53 | corte E - E'
escala 1|200



1 - zona de preparação e cozedura do pão | 2 - zona de venda | 3 - dispensa | 4 - sala de apoio | 5 - espaço de pastelaria | 6 - área dedicada à valorização de atividades artesanais | 7 - casa de banho | 8 - zona de cozinha | 9 - zona de venda de produtos | 10 - zona de refrigeração | 11 - sala de apoio

F54 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 194
escala 1|250



F55 | corte D - D'
escala 1|200



12 - zona de entrada | 13 - zona de cozinha | 14 - casa de banho de serviço | 15 - quarto

F56 | PLANTA DE INTERVENÇÃO | COTA 196.7
escala 1|250



F57 | corte E - E'
escala 1|200

ZONA IV

Alimentação coletiva e espaço de permanência exterior.





F59 | PLANTA DO PREEXISTENTE
escala 1|250

Associado à Proserra, espaço atualmente utilizado nas festas e celebrações da aldeia, o projeto procura reativar estruturas atualmente subutilizadas ou sem utilização regular, potenciando a sua adaptação a diferentes atividades ao longo do ano. Mais do que introduzir um novo equipamento autónomo, a intervenção procura reutilizar infraestruturas já existentes na povoação, valorizando o seu potencial enquanto suporte de novas formas de utilização coletiva.

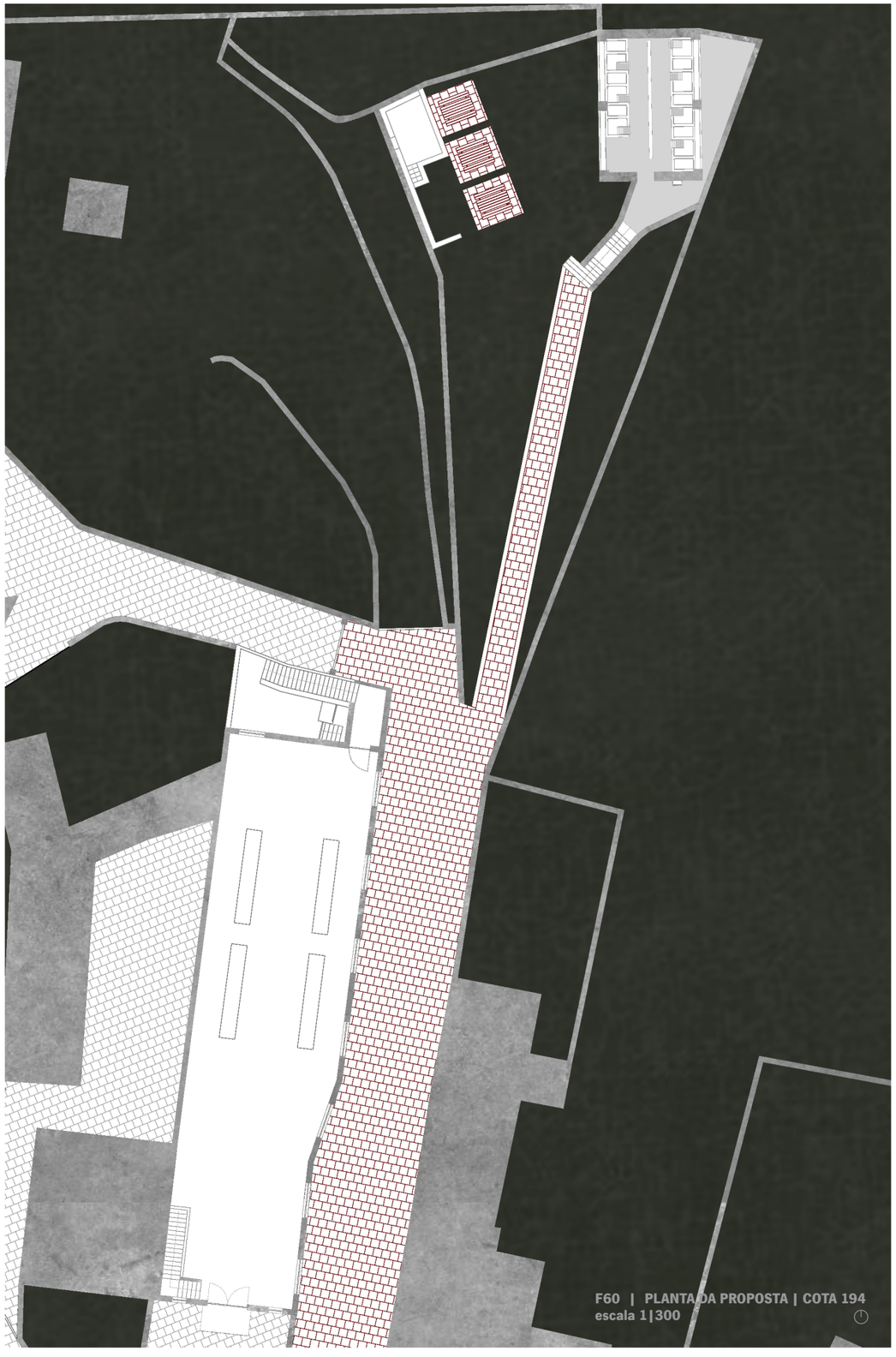
O piso superior do edifício, atualmente livre e sem utilização definida, é reinterpretado como espaço flexível destinado à realização de workshops, encontros e atividades comunitárias associadas à vida local e às dinâmicas temporárias introduzidas pela proposta de coabitação. A flexibilidade do espaço permite acomodar diferentes formas de apropriação, reforçando a relação entre utilização quotidiana e eventos ocasionais.

No piso inferior, onde já existe uma cozinha industrial e uma zona de churrasco exterior, consolida-se uma área de apoio à alimentação coletiva e à realização de refeições comunitárias, reforçando práticas de encontro e convivência associadas tanto às festividades como à utilização quotidiana da aldeia. A cozinha coletiva assume, neste contexto, um papel de mediação entre habitantes, visitantes e atividades associadas à produção local, promovendo formas de partilha e utilização comum do espaço.

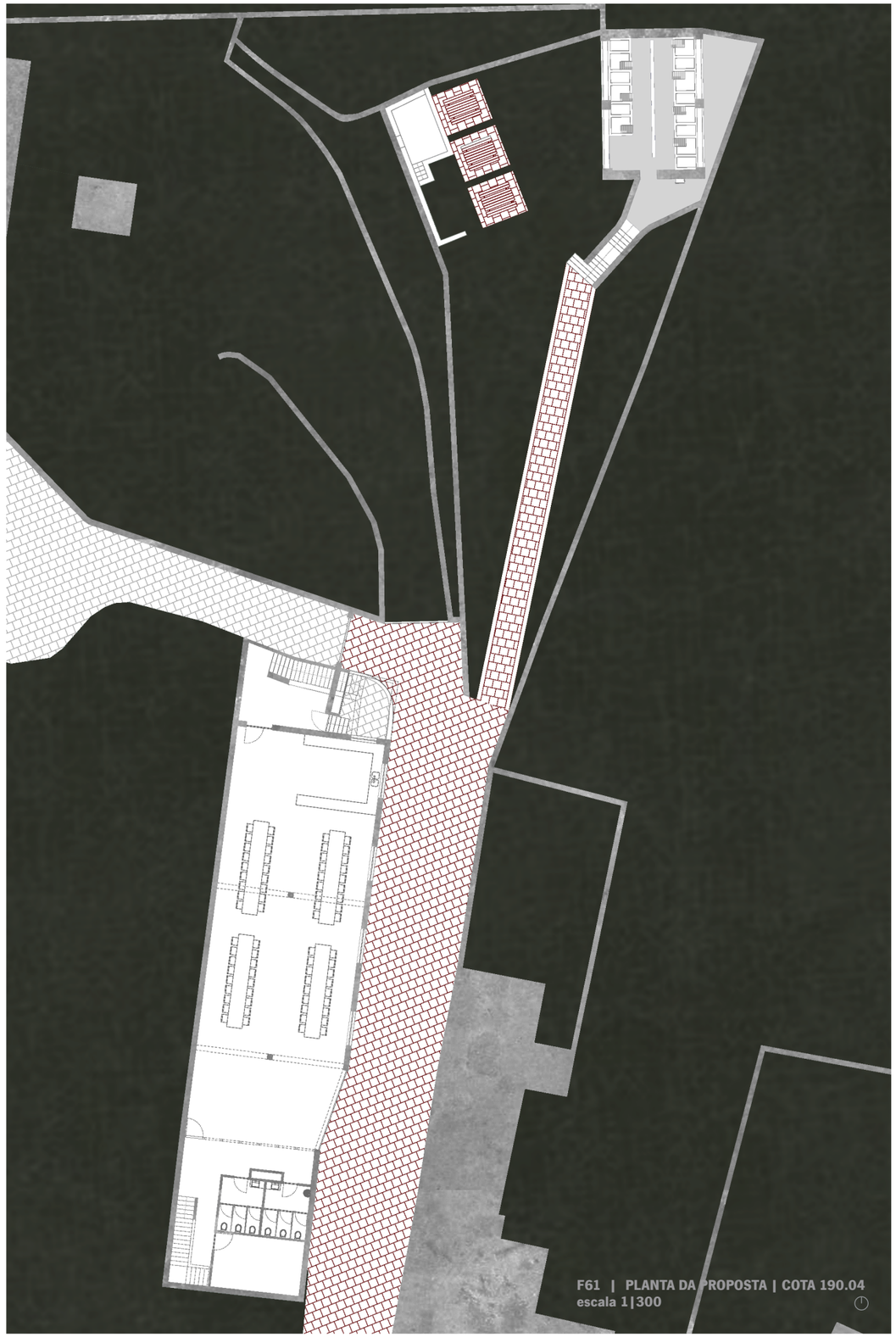
Na proximidade deste edifício localiza-se ainda um antigo tanque comunitário de lavagem de roupa, anteriormente utilizado pelas habitantes da povoação como espaço associado às práticas quotidianas de lavagem e abastecimento de água. Associado a uma fonte existente e envolvido pela vegetação e pela topografia da serra, o lugar mantém uma forte presença na memória coletiva local, preservando uma atmosfera de tranquilidade e permanência que a proposta procura valorizar.

Mais do que uma infraestrutura funcional, o tanque constituía também um espaço informal de encontro, convivência e partilha quotidiana entre habitantes. Apesar da perda progressiva destas dinâmicas ao longo do tempo e da ausência atual de utilização regular, o espaço conserva uma forte dimensão identitária e uma relação próxima com a vivência coletiva da aldeia.

A intervenção assume, neste contexto, um caráter mínimo e não intrusivo, centrando-se sobretudo na melhoria das condições de acessibilidade e utilização através da substituição do pavimento existente e da introdução de mesas e mobiliário exterior. Sem alterar significativamente a configuração do lugar, a proposta procura reativar a sua utilização enquanto espaço informal de estadia e convívio, capaz de acolher pequenas refeições, piqueniques e momentos de descanso associados ao uso coletivo do espaço exterior.



F60 | PLANTA DA PROPOSTA | COTA 194
escala 1|300



F61 | PLANTA DA PROPOSTA | COTA 190.04
escala 1|300

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação desenvolvida ao longo do presente trabalho de projeto permitiu compreender a Povoação enquanto território marcado por processos simultâneos de permanência e transformação. Apesar do enfraquecimento progressivo das dinâmicas produtivas e sociais que historicamente estruturavam a povoação, persistem ainda estruturas físicas, relações espaciais e formas de ocupação capazes de suportar novas possibilidades de utilização e continuidade territorial.

A leitura do território evidencia que a condição contemporânea da aldeia não corresponde a uma ausência de estrutura, mas à fragmentação das relações entre habitações, espaço público, produção e vida coletiva.

Neste contexto, o edificado abandonado, os vazios e os edifícios devolutos deixam de ser entendidos apenas como sinais de declínio, passando a constituir matéria operativa de projeto.

A proposta desenvolvida procurou demonstrar que a reabilitação pode ultrapassar uma lógica exclusivamente técnica de recuperação do edificado, assumindo-se como instrumento de reorganização espacial e social. Mais do que introduzir novas estruturas autónomas, a intervenção procurou trabalhar a partir das permanências existentes, reforçando relações de proximidade, reutilizando infraestruturas abandonadas e reativando formas de utilização quotidiana associadas à rua, aos espaços coletivos e à paisagem produtiva.

Neste processo, conceitos como reutilização, coabitação e porosidade revelaram-se fundamentais para pensar formas contemporâneas de habitar em contextos de baixa densidade e fragmentação territorial. Através da introdução de espaços intermédios, usos partilhados e relações de continuidade entre domínio público e privado, a proposta procurou construir uma estratégia de adaptação progressiva do território, capaz de integrar permanência e transformação.

O impacto potencial da intervenção não reside numa transformação radical da estrutura da povoação, mas na capacidade de reativar relações espaciais, sociais e funcionais progressivamente enfraquecidas ao longo das últimas décadas. A reutilização de edifícios devolutos, a introdução de novos usos coletivos e a valorização dos espaços de encontro procuram contribuir para uma utilização mais contínua do núcleo central da aldeia, reforçando relações de proximidade entre habitantes, visitantes e atividades associadas ao território.

Ao reativar equipamentos, espaços coletivos e práticas ligados à convivência quotidiana, a proposta procura igualmente contribuir para a reconstrução do espírito coletivo da povoação. A reintrodução de atividades associadas à alimentação coletiva, à produção local, às práticas culturais e à permanência quotidiana pode criar condições para contrariar situações de isolamento e subutilização do território, reforçando a continuidade da vida social da aldeia.

Neste sentido, o projeto procura demonstrar que apenas estratégias de reutilização e adaptação podem contribuir para tornar novamente habitável e atrativa uma povoação marcada por processos de retração e envelhecimento populacional. Mais do que promover um modelo expansivo de crescimento, a intervenção procura reforçar condições de permanência, proximidade e qualidade de vida capazes de incentivar novas formas de habitar o território de forma contínua e integrada na vida coletiva da serra.

Mais do que propor um modelo fechado ou definitivo, o projeto procura afirmar a possibilidade de reativar relações já presentes na estrutura da povoação, entendendo a continuidade territorial não como reprodução do passado, mas como capacidade de reinvenção das formas de habitar e partilhar o território contemporâneo.

referências.

BIBLIOGRAFIA

BARLOW, N.; REGEN, L.; CADIOU, N.; CHERTKOVSKAYA, E.; HOLLWEG, M.; PLANK, C.; SCHULKEN, M.; WOLF, V. (eds.) (2022). Degrowth & Strategy: How to Bring About Social-Ecological Transformation. MayFly Books.

BAKER-BROWN, D.; BROOKER, G. (eds.) (2024). The Pedagogies of Re-Use: The International School. London: Routledge.

LATOUCHE, S. (2012). Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno. Lisboa: Edições 70.

NELSON, A.; SCHNEIDER, F. (2018). Housing for Degrowth: Principles, Models, Challenges and Opportunities. London: Routledge.

ROSSI, A. (2001). A Arquitetura da Cidade. São Paulo: Martins Fontes.

SECCHI, B. (2006). Primeira lição de urbanismo. São Paulo: Perspectiva.

SCHNEIDER, F.; NELSON, A. (2018). Institutionalisation of Degrowth and Post-Growth: The European Level. Brussels Seminar, 17 September 2018.

SOLÀ-MORALES, I. (1985). Del contraste a la analogía: nuevos episodios urbanos. Barcelona: Gustavo Gili.

VETTER, A.; HICKEL, J.; KOCH, M. et al. (2022). The Future is Degrowth: A Guide to a World Beyond Capitalism. London: Verso.

TRABALHOS ACADÉMICOS

CARREIRA, I. L. G. Cidades Lineares e Difusas: Abordagem a uma "cidade de festo" – Oliveira do Bairro, Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, 2018.

FONTES, M. O SOPRO. Entre invisibilidades urbanas, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, 2025.

CARVALHO, A. Um Território Esquecido. A Paisagem Extrativa e Industrial da Região de Prado, Projeto de Mestrado, Universidade do Minho, 2023.

ARAÚJO, C. A rota e o ancoradouro como estratégia para a requalificação do Rio Lima, Tese de Mestrado, Universidade do Minho, 2012.

WEBGRAFIA

ArchDaily Brasil. "Desconstruir, não demolir: por uma prática de reuso de materiais na arquitetura", https://www.archdaily.com.br/br/970677/desconstruir-nao-demolir-por-uma-pratica-de-reuso-de-materiais-na-arquitetura.

Câmara Municipal da Figueira da Foz, https://www.cm-figfoz.pt/pages/902

Meet Figueira. "140 anos: o nascimento de uma cidade", https://meetfigueira.com/artigos/140-anos-o-nascimento-de-uma-cidade/

SOLÀ-MORALES, I. "Del contraste a la analogía: Transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica". Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 2001, https://doi.org/10.33349/2001.37.1270

Time Off Figueira da Foz. "Serra da Boa Viagem", https://timeofffigueiradafoz.pt/serra-da-boa-viagem/

autoria de figuras.

F01 | CONTEMPORÂNEO // autoria própria 5

F02 | NOVAS LEITURAS // autoria própria 7

F03 | POROSIDADE // autoria própria 9

F04 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Mapa de localização // autoria própria 14

F05 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Características biofísicas // autoria própria 15

F06 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Fotografia da encosta // autoria Google imagens 16

F07 | Povoação da Serra da Boa Viagem | Fotografia da encosta // autoria Google imagens 16

F08 | Planta de ocupação do solo // autoria própria 18

F09 | Planta de localização // autoria própria 22

F10 | Planta de equipamentos e infraestruturas // autoria própria 24

F11 | Registo fotográfico dos equipamentos e infraestruturas // autoria própria e de Homero Valentino 25

F12 | Planta da condição atual // autoria própria 32

F13 | Fotomontagem alçado norte // autoria própria 34

F14 | Fotomontagem alçado sul // autoria própria 34

F15 | Planta do espaço público // autoria própria 36

F16 | Registo fotográfico do edificado abandonado // autoria própria 37

F17 | Conceito // autoria própria 42

F18 | GRUPO RECREATIVO SERRA DA BOA VIAGEM // autoria própria 43

F19 | PLANTA DO PREEXISTENTE | COTA 194 // autoria própria 45

F20 | FOTOMONTAGEM // autoria própria 46

F21 | PLANTA DA PROPOSTA| COBERTURA // autoria própria 47

F22 | corte A - A' // autoria própria 47

F23 | PLANTA DA PROPOSTA | COTA 194 // autoria própria 48

F24 | corte B - B' // autoria própria 48

F25 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COBERTURA // autoria própria 49

F26 | corte A - A' // autoria própria 49

F27 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COTA 194 // autoria própria 50

F28 | corte B - B' // autoria própria 50

F29 | PORMENOR CONSTRUTIVO | ZONA I // autoria própria 51

F30 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO BANCADA E LAJE // autoria própria 51

F31 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO COBERTURA E PAREDE INTERIOR // autoria própria 52

F32 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO PRÉ-EXISTENTE E CONSTRUÇÃO NOVA // autoria própria 52

F33 | RUA PARQUE FLORESTAL, N°5 // autoria própria 53

F34 | PLANTA DO PREEXISTENTE // autoria própria 55

F35 | FOTOMONTAGEM // autoria própria 56

F36 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 194 // autoria própria 57

F37 | alçado este // autoria própria 57

F38 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 197.5 // autoria própria 58

F39 | corte C - C' // autoria própria 58

F40 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COTA 194 // autoria própria 59

F41 | alçado este // autoria própria 59

F42 | PLANTA DE INTERVENÇÃO| COTA 197.5 // autoria própria 60

F43 | corte C - C' // autoria própria 60

F44 | PORMENOR CONSTRUTIVO | ZONA II // autoria própria 61

F45 | PORMENOR CONSTRUTIVO | COBERTURA // autoria própria 62

F46 | PORMENOR CONSTRUTIVO | LIGAÇÃO PAREDE EXTERIOR E LAJE // autoria própria 62

F47 | PORMENOR CONSTRUTIVO | SAPATA // autoria própria 62

F48 | RUA 1° DE MAIO, N° 5 | 7 // autoria própria 63

F49 | PLANTA DO PREEXISTENTE // autoria própria 65

F50 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 194 // autoria própria 67

F51 | corte D - D' // autoria própria 67

F52 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 196.7 // autoria própria 68

F53 | corte E - E' // autoria própria 68

F54 | PLANTA DA PROPOSTA| COTA 194 // autoria própria 69

F55 | corte D - D' // autoria própria 69

F56 | PLANTA DE INTERVENÇÃO | COTA 196.7 196.5 // autoria própria 70

F57 | corte E - E' // autoria própria 70

F58 | RUA DA FONTE // autoria própria 71

F59 | PLANTA DO PREEXISTENTE // autoria própria 73

F60 | PLANTA DA PROPOSTA | COTA 194 // autoria própria 75

F61 | PLANTA DA PROPOSTA | COTA 190.04 // autoria própria 76

F62 | 2009 // autoria Google Earth 87

F63 | 2015 // autoria Google Earth 87

F64 | 2019 // autoria Google Earth 88

F65 | 2022 // autoria Google Earth 88

F66 | CARTOGRAFIA // autoria de Camara Municipal da Figueira da Foz 90

F67 | Registo fotográfico da habitação | ZONA II // autoria própria 91

F68 | Registo fotográfico | ZONA III // autoria própria 92

F69 | Registo fotográfico da habitação | ZONA III // autoria própria 93

F70 | Registo fotográfico | ZONA III // autoria própria 94

F71 | Registo fotográfico da habitação | ZONA IV // autoria própria 95

ANEXOS

atividade agrícola.



F62 | 2009 | FONTE GOOGLE EARTH



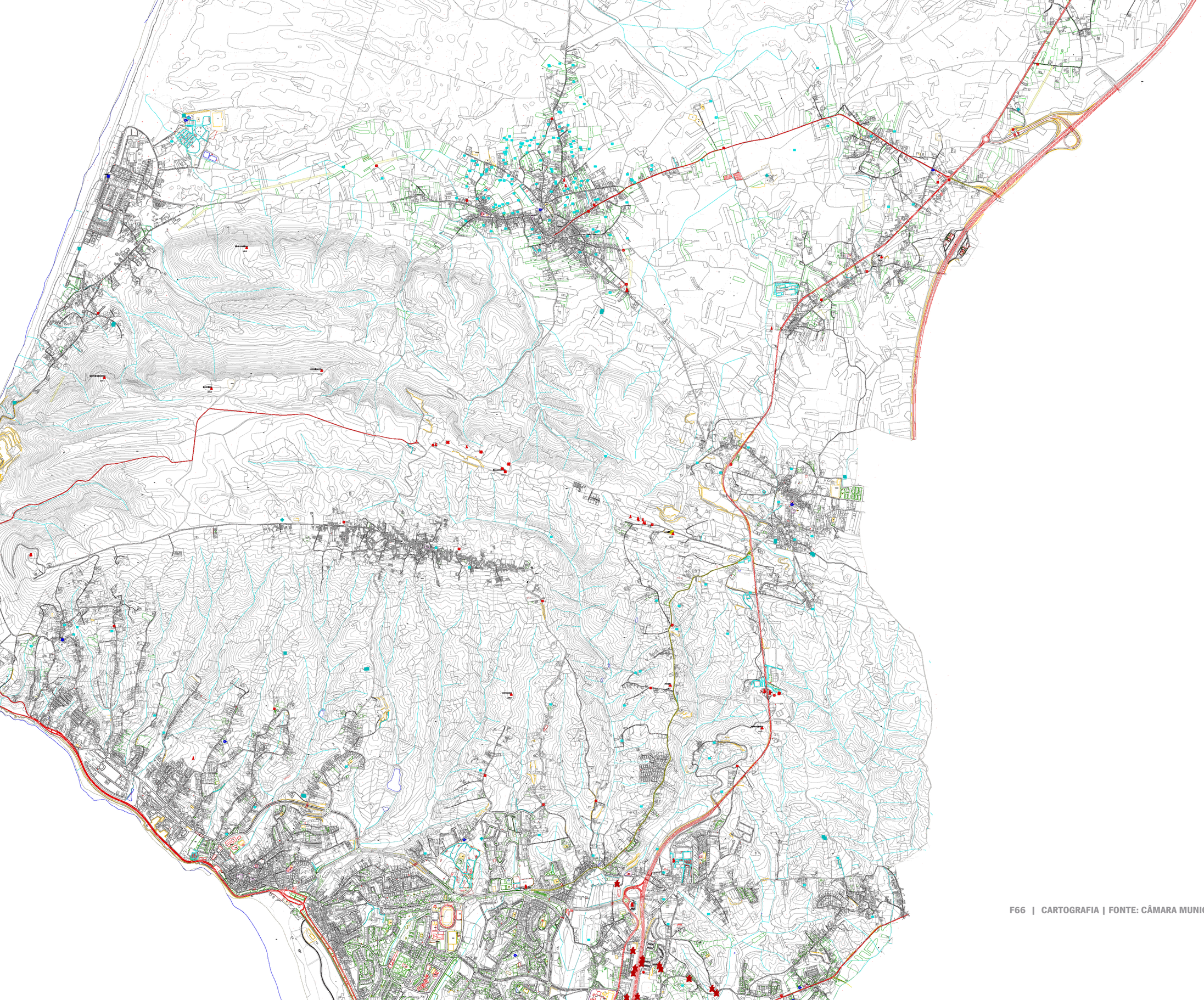
F63 | 2015 | FONTE GOOGLE EARTH



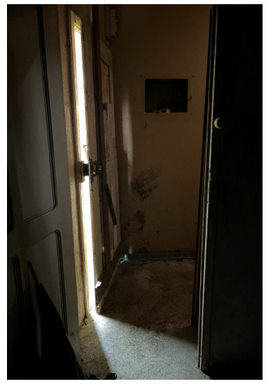
F64 | 2019 | FONTE GOOGLE EARTH



F65 | 2022 | FONTE GOOGLE EARTH



F66 | CARTOGRAFIA | FONTE: CÂMARA MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ











F67 | Registo fotográfico da habitação | ZONA II | AUTORIA PRÓPRIA





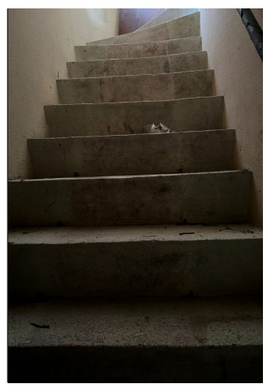










F68 | Registo fotográfico | ZONA III | AUTORIA PRÓPRIA

Largo da Igreja



Nº.5











Habitação Nº. 3

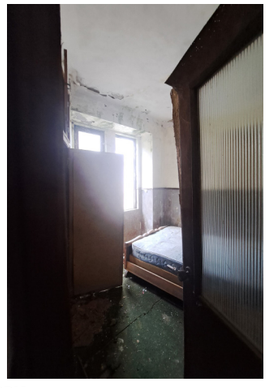










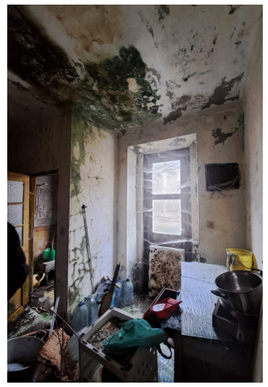




F69 | Registo fotográfico da habitação | ZONA III | AUTORIA PRÓPRIA

Habitação

































F70 | Registo fotográfico | ZONA III | AUTORIA PRÓPRIA
















F71 | Registo fotográfico da habitação | ZONA IV | AUTORIA PRÓPRIA